

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Dissertação



**As Doze Horas que Abalaram Pelotas: um Estudo de Caso da Revolução de
1923**

Jean Pierre Teixeira da Silva

Pelotas, 2015

Jean Pierre Teixeira da Silva

**As Doze Horas que Abalaram Pelotas: um Estudo de Caso da Revolução de
1923**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Karsburg

Pelotas, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586	Silva, Jean Pierre Teixeira da. As doze horas que abalaram Pelotas : um estudo de caso da Revolução de 1923 / Jean Pierre Teixeira da Silva; orientador Alexandre de Oliveira Karsburg. – Pelotas, 2015.
	88f.
	Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas.
Oliveira,	1. Revolução de 1923 - Pelotas – história. I. Karsburg, Alexandre de orient. II. Título
	CDD:
981.657	

Catálogo na fonte elaborada pela Bibliotecária Luciana Franke Nebel – CRB-10/654.

Jean Pierre Teixeira da Silva

**As Doze Horas que Abalaram Pelotas: um Estudo de Caso da Revolução de
1923**

Data da Defesa: 17;04;2015

**Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de
Mestre em História. Programa de Pós Graduação em História. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas**

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Karsburg (UFPEL). (Orientador)

.....
Prof. Dr. Sebastião Peres (UFPEL)

.....
Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra (UFPEL)

.....
Prof. Dr. José Plínio Guimarães Fachel (IF SUL)

Dedico essa dissertação à memória de todos os pelotenses que lutaram pelos seus ideais no dia 29 de Outubro de 1923.

Agradecimentos

Agradeço a UFPEL por me proporcionar um ensino de qualidade. A CAPES por me proporcionar uma bolsa de estudos. Ao senhor João Máximo Lopes, coordenador do Centro de Memória de Camaquã, pela acolhedora recepção. Ao museu Zeca Netto e Camaquã, pela acolhida em minhas pesquisas em fostes primárias. Ao IHGPEL, pela disponibilidade em permitir minhas pesquisas em seus ricos arquivos. Ao meu orientador Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Karsburg por tornar possível o término deste trabalho. Ao prof. Dr Edgar Avila Gandra, pelos conselhos mesmo estando no outro lado do Mundo. Ao prof. Sebastião Peres, pela disponibilidade de estar em minha banca, e por oferecer sua ajuda no momento delicado de meu trabalho. Ao coordenador do PPGH, Prof. Dr. Aristeu Elisando Machado Lopes, por entender todos os meus problemas de final de mestrado, e com sua honestidade e paciência me acolheu sempre que precisei. Ao meu colega e amigo Dário, pelas inúmeras conversas pelas madrugadas desses últimos dois anos, onde ambos conseguimos dividir nossas angústias e vitórias. A minha família, por me proporcionar condições de cursar uma universidade.

Resumo

Este trabalho teve a intenção de buscar novas alternativas para explicar a questão da invasão da cidade de Pelotas durante a Revolução de 1923. Até o início de minhas pesquisas, a invasão de Pelotas pelas forças lideradas por Zeca Netto era considerada pela historiografia como um ato para chamar a atenção do ministro da guerra Setembrino de Carvalho a fim de que este atendesse as demandas dos libertadores. Entretanto, durante minhas pesquisas, constatei, através de fontes primárias, que a invasão de Pelotas foi movida por fatores locais. A influência do Comitê pró-Assis Brasil em Pelotas foi determinante para a entrada dos invasores na cidade e posteriormente na sua conquista.

Abstract

Este trabajo pretende buscar nuevas alternativas a la cuestión de la invasión de Pelotas durante la Revolución de 1923. A principios de mi investigación, la invasión de las fuerzas liberadoras Pelotas, dirigido por ZecaNetto, fue considerado por la historiografía, como que tiene su motivación, la capacidad de llamar la atención del ministro de la guerra Setembrino de Carvalho, a la cuestión de la liberación. Sin embargo, a lo largo de mi investigación, he encontrado a través de fuentes primarias, que la invasión de Pelotas fue impulsado por factores locales. La influencia del Comité Pro Brasil Assis en Pelotas, fue crucial para la entrada de intrusos en la ciudad y más tarde en su conquista.

Lista de Figuras

Figura 1 Ataque ao 1 Corpo Provisório na Sociedade Agrícola. E ataque ao Prédio da Escola de Artes e Ofícios.	Erro! Indicador não definido.
Figura 2 O Combate na rua XV de Novembro.	35
Figura 3. Prédio do Quartel de Bombeiros em Pelotas.	38
Figura 4. Pelotenses Observam as Tropas de Netto	40
Figura 5 Jornal A Opinião Pública.	51
Figura 6. Netto e Ildefonso Simões Lopes Filho.	52
Figura 7. Netto Cortejado Pela População.	52
Figura 8. Jornal O Rebate	60
Figura 9. Zeca Netto é conduzido por populares.	63
Figura 10. Carta a Zeca Netto.	61
Figura 11. Tropas de Zeca Netto após a Conquista de Pelotas.	69

Lista de Tabelas

Tabela 172

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1: A República Velha no Brasil.....	17
Capítulo 2: Análise de um dia singular	33
Capítulo 3: Pelotas conquistada.....	63
Conclusão	80
Referências	83

Introdução

No amanhecer de uma segunda-feira do dia 29 de outubro de 1923, os cidadãos pelotenses tiveram sua rotina alterada. Nesse dia não houve necessidade das pessoas saírem de casa em direção aos seus respectivos trabalhos. As crianças não tiveram aula, mas todos os moradores dos arredores das três entradas da cidade acordaram com as rajadas de “balas”, às 5h da manhã. Toda essa alteração no “modus vivendi” pelotense teve uma explicação. As tropas do general Zeca Netto acabavam de adentrar no município para espanto de uma população incrédula e incapaz de acreditar no que viam através de suas janelas.

Nessa fatídica manhã Pelotas conheceu de perto os horrores da Revolução de 1923, que até o momento era conhecida através de seus quatro periódicos locais. O exército Libertador, liderado pelo general Zeca Netto, havia se aproximado das redondezas de Pelotas há 40 dias. Netto combateu a Brigada Militar em várias ocasiões, e venceu em todas. De acordo com suas memórias:

O Gal. Estácio não aceitou meu convite. Então lhe digo, se eu receber munição como espero receber em Canguçu, tentarei tomar a cidade de Pelotas, segunda cidade do Estado. (FRANCO, 2003. p.99).

Alguns viajantes perceberam as tropas de Netto nos arredores, mas essa notícia era rapidamente desmentida pelas forças locais que não acreditavam em tal audácia. Ninguém imaginaria que uma tropa de 400 homens chefiada por um general de 69 anos de idade, seria capaz de combater em solo pelotense, a bem armada Brigada Militar de Borges de Medeiros. No entanto, toda a força local foi surpreendida. O comandante da Brigada Militar em Pelotas estava com seu corpo militar e provisório fora da cidade, em campanha contra as forças de Honório Lemes¹ no Oeste da Campanha.

Entretanto, também havia em Pelotas uma guarnição federal, o 9º Batalhão de Caçadores (9ºBC). Misteriosamente, o exército local teve uma atuação discreta perante a invasão da cidade. As ordens do comandante da guarnição, major Arthur Cantalice², foram para seus homens apenas resguardarem as repartições públicas, hospitais e órgãos de interesse administrativo. Portanto, as tropas de Netto não encontraram resistência durante a invasão de

¹ Herói da Revolução Federalista (1893-95), pertencente as frentes de Silveira Martins. Líder militar de Assis Brasil em 1923. O maior mito militar da Região da Campanha.

² Comandante do 9BC, durante a invasão de Pelotas pelas tropas de Zeca Netto. Esse batalhão atualmente é o 9BIM em Pelotas.

Pelotas. O feito de Zeca Netto teve a duração de doze horas. Tempo suficiente para invadir, conquistar e devolver a cidade. A conquista deu-se durante a manhã. Já à tarde, o general libertador conduziu a cidade como de propriedade do Partido Libertador (PL) de Assis Brasil³. Em torno das 17h, Netto começou a devolução da cidade ao seu intendente municipal, Pedro Osório, assim como todos os seus reféns.

A conquista de Pelotas foi um marco da Revolução de 1923, entretanto, não foi objeto de um estudo acadêmico. Historiadores da revolução apenas mencionaram o acontecimento em suas obras. O historiador mais importante de Pelotas, o saudoso professor Mário Osório Magalhães⁴, não fez pesquisa aprofundada sobre o tema. Em sua vasta obra, o evento foi apenas citado como um dos acontecimentos da história de Pelotas, durante o início do século XX.

O jornal “Diário Popular”, que ostentava na capa de seus periódicos o dístico do PRR, era de propriedade do cel. Pedro Osório, chefe local do PRR em Pelotas. Seu diretor, Pedro Vergara, mantinha estreita relação com o redator chefe do jornal “A Federação”, Lindolfo Collor⁵. O “Diário Popular” continha reportagens que durante o ano de 1923, em meados de fevereiro, informavam à população de Pelotas sobre a possível invasão do gen. Zeca Netto. A partir do mês de outubro, as reportagens acerca dessa possível invasão eram diárias. No período pós-invasão, 30 de outubro de 1923, o jornal acompanhou, detalhadamente, todo o processo da invasão de Pelotas pelas tropas do general Zeca Netto, e essas reportagens foram divulgadas até o mês de dezembro de 1923.

Já os jornais “A Opinião Pública” e “O Rebate” eram os jornais “nânicos” de Pelotas. Esses dois jornais travaram uma verdadeira “guerra jornalística” contra o Jornal “Diário Popular”, principalmente, através da figura do chefe de redação do jornal “Opinião Pública” Ferdinando Trebbi. Além dos editoriais de ataques as reportagens do jornal Diário Popular faziam uma série de ataques à política do PRR. Durante a invasão de Pelotas pelos bandoleiros chefiados pelo gen. Zeca Netto, esses ditos jornais faziam uma campanha junto à população para tentar mostrar a importância dessa invasão, contra os desmandos do representante político de Pelotas, Pedro Osório⁶.

Até o momento, a única obra sobre o fato foi o excelente livro de Pedro Henrique Caldas: *Zeca Netto & a Conquista de Pelotas* (1993). Mesmo não sendo um historiador de

³ Agricultor, intelectual e político brasileiro. Liderou a oposição na Revolução de 1923 contra Borges de Medeiros.

⁴ (1949-2013). Historiador local e ex-professor do departamento de história da UFPEL.

⁵ Político brasileiro e redator do jornal A Federação durante a Revolução de 1923.

⁶ Intendente do município, não confundir com o coronel Pedro Osório, chefe do PRR e agro-exportador.

formação, Caldas realizou extensa pesquisa nos jornais locais sobre o acontecimento, trazendo importantes revelações. Esse pesquisador utilizou como fontes de periódicos apenas jornais locais, sem usar o jornal *A Federação*, periódico de grande importância para a pesquisa. Sua bibliografia para consulta teve as obras clássicas da Revolução, com ênfase na historiografia militar.

Tanto a obra de Caldas, como a inexistência de um estudo acadêmico sobre o fato, foram fatores basilares que motivaram o interesse pela pesquisa. Para este trabalho, utilizou-se uma gama de fontes diversificadas. Primeiramente, trabalhou-se com as fontes jornalísticas através de quatro periódicos locais: o *Diário Popular*; *O Rebate*; *A Opinião Pública* e o *Jornal da Manhã*. Também utilizei o jornal *A Federação* de Porto Alegre, órgão do Partido Republicano Riograndense (PRR). Todos os periódicos consultados tiveram o recorte temporal de 18 meses (agosto de 1922 a dezembro de 1923). Utilizou-se essa cronologia para a pesquisa em virtude da realização dos Congressos do PRR de 1922, assim como todo o desenrolar da Revolução Assisista⁷ durante o ano de 1923.

A pesquisa em periódicos requer certas análises específicas. É preciso definir a linha político-econômica do jornal, assim como definir seu público alvo. Tânia de Luca (2010) relaciona essas questões ao fato de certas influências ocultas sempre estarem nos bastidores de redações de jornais influenciando os editoriais, e o papel político e ideológico determinado periódico sofria no decorrer de sua época. Nesse momento cabe ao historiador interpretar aspectos que para um leigo poderiam ser negligenciados, tais como: a qual grupo econômico pertence o jornal, qual a ideologia política desse grupo e sua área de difusão? Outro fator preponderante, nos jornais, é a questão ideológica que o periódico se enquadra. Suas ações políticas podem definir o seu legado e influenciar seus leitores. Para Márcia Janete Espig:

[...] caso tomemos um jornal ligado ao partido político do governo, percebemos uma atitude de exaltação e contínua aprovação às atitudes tomadas pelo mesmo; já um jornal de oposição tenderá a perceber as inaptidões, os titubeios, as ações equivocadas por parte do poder estadual. A caracterização dos diferentes órgãos de imprensa consultados poderá ajudar a perceber sua inserção em determinado campo político-ideológico (ESPIG,1998. p.271).

Paralelamente ao campo de batalha, existiu outro espaço de enormes conflitos: as páginas dos jornais de Pelotas. Nesse período da história jornalística, era usual utilizar as páginas de jornais para propagar a hegemonia de grupos políticos, neste sentido o jornal “*A Federação*” é o principal caso. Além disso, os jornais pelotenses começaram um ataque

⁷ Também chamada de Revolução de 1923.

particular, não mais com caráter eleitoreiro ou ideológico, mas a exploração da honra pessoal era o principal alvo de jornalistas e editores. Para BRITTO (2007) o gen. Zeca Netto é um bom exemplo, pois nas páginas do jornal “Diário Popular” era retratado de maneira pejorativa por “Zeca Veado”, “Zeca Zorrilho” e “Jóquei de Camaquã”⁸. Além desses ataques à honra, também existiam reportagens com falsas informações repercutindo notícias fantasiosas para iludir os leitores menos avisados.

Outra importante fonte que será utilizada são as memórias e diários. Para este trabalho foram selecionados quatro: as Memórias de Zeca Netto (2003); as Memórias Lusardo⁹ (1977); as Memórias de João Neves da Fontoura¹⁰ (1954) e o famoso “Diário de Campo do 1º Reg. Da Brigada Militar em perseguição às tropas de Zeca Netto”¹¹ (1923). Essas fontes requerem um cuidado especial do pesquisador, pois:

Os diários e as memórias sempre representaram importantes fontes primárias de pesquisa para o historiador. No entanto, surge como procedência fundamental do historiador perceber que estas fontes são indubitavelmente enriquecidas por um olhar passional do narrador. Esses registros geralmente são tendenciosos, o que requer do historiador uma aguda interpretação da narrativa e, se possível, uma comparação com outras fontes históricas (SILVA, 2013, p. 02).

O uso de diários como fontes históricas está recebendo maior atenção dos historiadores brasileiros, pois se trata de fontes ricas onde constam olhares e sensibilidades do cotidiano do escritor, com as excepcionalidades de suas experiências. Escrito em primeira pessoa, o texto relata a contextualização do acontecido. Maria Tereza Cunha, assim define:

[...] hoje, a dimensão da fonte história dos diários pessoais constitui-se em ação importante para dotar de significado esses documentos que foram, durante muito tempo, desconsiderados por historiadores envolvidos com modalidades de história “racional”, ditas científicas, não emotivas. [...] sob um novo olhar, a emergência destas fontes ordinárias na historiografia, deu-se mais intensivamente a partir da década de 1980, na chave das propostas da história cultural, que observou serem esses materiais pessoais portadores e construtores de sensibilidades, também chamadas de práticas culturais do sensível. [...] os diários pessoais passam a ser vistos como documentos valiosos para a compreensão da vida cotidiana (CUNHA, 2011, p 252).

⁸ Esses apelidos pejorativos dedicados a Zeca Netto eram oriundos do jornal Diário Popular, que apelidava Netto por sua suposta qualidade militar de guerrilha em mata fechada, por isso os apelidos se adequavam ao General, satirizando-o.

⁹ Médico, advogado e político gaúcho.

¹⁰ Advogado e político brasileiro com vínculo ao PRR.

¹¹ Autor ainda desconhecido.

Com relação aos arquivos, serão trabalhados quatro: “o arquivo do 9ºBC”, localizado no quartel do 9ºBIM em Pelotas; o “arquivo da Brigada Militar”; em Porto Alegre; o “AHRGS”, em Porto Alegre; O “arquivo da Assembléia Legislativa do Estado”, em Porto Alegre. No caso do primeiro, foi pesquisada uma rica documentação militar, em que serão observadas as questões ocultas que permearam a relação do comandante Arthur Cantalice com seu superior hierárquico que comandava o III exército no qual oficializou a neutralidade militar em Pelotas durante a sua conquista pelas tropas de Netto. Em relação ao “arquivo da Brigada Militar”, foram trabalhados os boletins internos referentes ao episódio do dia 23 de outubro de 1923. Nesse arquivo encontram-se boletins de ocorrência e rica documentação acerca da Brigada Militar de Pelotas, assim como do corpo de provisórios locais.

Como última fonte, o rico estudo militar da conquista de Pelotas feito pelo historiador militar e presidente da academia canguçuense de história: coronel Claudio Moreira Bento¹². Esse militar construiu um trabalho delimitando as técnicas militares usadas pelas tropas de Netto para conquistar Pelotas. O ponto forte de seu trabalho foi a construção detalhada do mapa dos conflitos em Pelotas. Mas, infelizmente, sem definir o que foi a zona neutra de guerra, local onde ocorriam as batalhas em Pelotas.

Esta pesquisa não é um trabalho de história da Revolução de 1923, e sim, uma análise das doze horas em que Pelotas foi invadida e conquistada. Para tanto, se fez necessário uma metodologia empírica de pesquisa e narração, condizente com um objeto tão minúsculo. Dessa maneira, escolheu-se a análise factual como tronco principal do referencial teórico. O método de pesquisa factual foi preponderante nas pesquisas, devido ao recorte temporal, espacial, narrativa e uma análise do objeto de pesquisa. A histórica factual é de importância fundamental para este tipo de trabalho, pois:

[...] a virtualidade analítica [da história factual] poderia servir como um valioso instrumento para o tema em questão. A leitura intensiva de certos autores vem confirmar sua pertinência para este estudo. [...] A história busca relacionar formulações teóricas iniciais às informações trazidas por amplo material empírico (ESPIG, 2011,p.136).

Para um estudo comparativo desse tema, será usada uma obra do medievalista Georges Duby, chamado “O Domingo de Bouvines”¹³ (1993). A escolha dessa obra facilitará o trabalho na construção da narrativa do trabalho, apesar de a mesma não se tratar de um estudo

¹² Coronel do exército, historiador militar e presidente da academia canguçuense de história.

¹³ Este livro narra uma batalha na região de Bouvines no ano de 1214, entre os reis: Felipe Augusto da França, Oto da Germânia e João sem terra da Inglaterra. Importante batalha para a construção do estado francês e de seu ideal de nacionalismo.

de Micro-História. Este livro é uma narrativa de uma batalha na região de Bouvines no ano de 1214. Mas a importância dessa obra se dá devido ao recorte temporal do objeto de estudo, 4h de batalha, numa região de escala reduzida.

Em virtude da ferramenta utilizada para este trabalho, a construção da narrativa terá alguns fatores singulares que é preciso exemplificar para introduzir meus capítulos à frente. A construção da narrativa deste trabalho se dará de forma contínua, ou seja, sem necessariamente haver uma interrupção da narrativa entre capítulos e sub-capítulos, gerando uma mudança na narrativa sem cortes que ocorreriam se os capítulos e sub-capítulos delineassem uma mudança no tema narrado. Optou-se por uma narrativa linear, sem respeitar os entraves da divisão dos capítulos como se afirmou, com isso, a narrativa será una, ou seja, a conquista de Pelotas será trabalhada ininterruptamente sem cercear as fontes a um só capítulo. A divisão de capítulos terá uma função secundária, e ela será usada apenas para facilitar a leitura da narrativa e sincronizar o trabalho dentro das dozes horas de estudo de caso.

No primeiro capítulo, será trabalhada uma imersão aos fatores macros que foram responsáveis pela invasão de Pelotas em 1923, dentro de uma ótica da variação de escalas. As relações políticas entre o Partido Republicano Riograndense (PRR) com seus representantes locais, assim como a seção do Partido Libertador local e suas influências com Assis Brasil. No segundo capítulo, serão trabalhadas as primeiras horas da entrada de Netto em Pelotas, estabelecendo um limite para o capítulo que é a conquista da cidade que se deu no final da manhã do dia 29 de outubro de 1923. Para finalizar essa primeira parte da dissertação, será feita uma análise do general Zeca Netto, desde sua estrutura como político e líder revolucionário, até sua aproximação e chegada ao município.

No terceiro capítulo, será dada ênfase à conquista estabelecida pelas tropas do PL de Netto. Aqui será trabalhada a neutralidade do exército e sua construção da zona neutra de guerra, ou seja, uma área destinada ao teatro de batalhas. Essa questão será elucidada com as fontes existentes no próprio batalhão mencionado. A narrativa do conflito aqui se dará já no período da tarde, quando as forças libertadoras ocupam a prefeitura de Pelotas, colocando a cidade nas mãos dos bandoleiros. Uma importante questão destinada a esse capítulo é um estudo militar do combate, na visão técnica do historiador militar Cláudio Moreira Bento (2003). Além desses estudos militares, nesse capítulo as fontes periódicas terão um fator central na construção da narrativa, pois os quatro jornais locais oferecem um rico acompanhamento do ocorrido no dia 29 de outubro de 1923.

Para encerrar essa necessária introdução ficarão claros quais são os objetivos para essa pesquisa. Como afirmado anteriormente, a conquista de Pelotas pelas tropas do general Zeca Netto ainda não foi analisada e pesquisada no âmbito da academia. Portanto, esse tema ainda é nebuloso para a história de Pelotas. Tentar-se-á neste trabalho apresentar uma nova proposta de pesquisa à historiografia regional. Dessa forma pretende-se contribuir com esse singelo trabalho, onde será apresentada a pesquisa e embasamentos teóricos que serão utilizados para mostrar o que foi a conquista de Pelotas.

Como problemática este trabalho está inserido na tentativa de descobrir o que gerou a entrada das tropas de Netto em Pelotas. De acordo com a historiografia local, as motivações de Netto foram decorrentes da estada no Estado do marechal Setembrino de Carvalho, no qual Netto pretendia chamar sua atenção para a causa libertadora. Entretanto, em carta escrita pelos membros do comitê pró-Assis Brasil em Pelotas, Emilio Nunes faz uma proposta a Netto para invadir a cidade oferecendo-lhe armamentos, dinheiro e informações privilegiadas da saída do principal contingente das forças municipais da cidade. Essa carta tem data de três dias antes da tomada da cidade. Portanto, a conquista de Pelotas foi um evento patrocinado pelo comitê pró-Assis Brasil, com interesse do PL para efetuar um golpe de Estado na prefeitura de Pelotas?

Capítulo 1

A República Velha no Brasil

O fim do período imperial no Brasil marcou o fim de uma política dominada por um poder centralizador, no qual as províncias eram aliadas de decisões locais sobre política e economia. O Império começou seu declínio político a partir da guerra da Tríplice Aliança. Apesar da vitória dos aliados (Brasil, Argentina e Uruguai) sobre o Paraguai, o império saiu da guerra com um exército esfacelado, uma economia comprometida com empréstimos ao capital estrangeiro, e sua política interna mostrava perda de força, consideravelmente, o que fortaleceu uma incipiente classe burguesa que pretendia maior lastro nas decisões da política e da economia local.

Outro fator que comprometeria a já desgastada relação do poder central do Império com o das províncias, foi quanto à questão da Abolição da Escravatura no País. A partir da iniciativa de Dom Pedro II em terminar com a mão de obra escrava, gradualmente, provocou grandes ressentimentos nos produtores rurais no interior das províncias. Os produtores de café, principalmente no Vale do Paraíba, e a elite rural no Rio Grande do Sul começaram a se desiludir com o Império, de quem esperavam uma defesa de seus interesses econômicos (FAUSTO, 1994, p.206).

Ao deixar de atender aos interesses da elite agrária, o governo imperial, centralizador, conservador e autoritário, contraiu uma enorme demanda política com as províncias, que estavam descontentes com essa relação com o Império. Dessa forma, a queda do Regime Imperial começou a desnudar-se perante suas próprias políticas com relação às diretrizes da Nação. Dessa forma:

O primeiro momento deste novo contexto é marcado pela crise política de 1868, quando por interferência do prestigiado comandante militar e membro do Partido Conservador, Duque de Caxias, o Imperador Dom. Pedro II entregou a chefia do gabinete de ministro a um político conservador, apesar da maioria liberal no parlamento. A chamada crise do gabinete Zacarias em 1868 é um divisor de águas. De um lado estava a própria monarquia, que até então havia obedecido a dinâmica das forças políticas parlamentares, e o Partido Conservador; de outro, o Partido Liberal, de cujas fileiras sairia apenas dois anos mais tarde, um ministro republicano (PINTO, 1986, p.6).

Em decorrência da crise de 1868, o Império passou a contrair uma crise política que eclodiria em 1889 com a queda de sua gestão sobre o País. A última etapa de conspirações políticas contra o Império deu-se com os propagandistas republicanos. Esses propagandistas eram grupos de estudantes representantes de elites descontentes com o governo imperial, que vinham do interior do Brasil para estudar direito, principalmente em São Paulo. Essa faculdade de direito tornou-se o centro da gênese incipiente do que seriam as divisões do Partido Republicano (PR), em praticamente todas as províncias.

Os propagandistas republicanos eram influenciados pela doutrina positivista de Auguste Comte. Essa doutrina continha forte interesse central, uma preocupação com a eficiência e moralidade do Estado. O devir positivista chocou-se com a política do Império, o que fortaleceu o dinamismo dos propagandistas em criar um novo partido que fizesse uma oposição à política de dicotomia do Império, calçada nos partidos Conservador e Liberal (PINTO, 1986, p.16).

O Rio Grande do Sul teve na figura de Júlio de Castilhos seu principal representante nos propagandistas republicanos. Castilhos posteriormente iria fundar no Estado o poderoso Partido Republicano Riograndense (PRR). Com a proximidade de 1889, o Império sucumbiu a um golpe articulado entre militares e uma elite com interesses burgueses, que unida a uma camada dominante do exército, conseguiu desferir o golpe final contra o Império. Essa união entre militares e lideranças civis é, na visão de José Murilo de Carvalho, um conchavo de interesses mesquinhos, pois:

Há consenso na historiografia de que se preparava um assalto ao poder por parte de militares que representavam um resíduo do jacobinismo florianista. Há também acordo sobre a liderança deste movimento e sobre seus principais sustentadores. O tenente-coronel Lauro Sodré era o chefe, apoiado nas Escolas Militares. Outros líderes tinham inequívoca tradição florianista e jacobina, como o major Barbosa Lima, Barata Ribeiro e mesmo Vicente de Souza; Varela era castilhista, vale dizer, farinha do mesmo saco. Lauro Sodré e Barbosa Lima deixavam claro em seus discursos qual era o seu objetivo: acabar com a república prostituída, restaurar-lhe a pureza que para eles se encarnava Benjamim Constant e Floriano Peixoto. Os vivos propostos ao povo por Lauro Sodré, indicando a direção que dava à revolta, eram para a República (CARVALHO, p. 127, 2010).

A queda do Império deu-se, conforme afirmou Carvalho (2010), com a união entre duas elites. A elite militar daria ao Brasil seu primeiro presidente no período republicano, o marechal Deodoro da Fonseca. Coube à elite civil, “representar” o povo e legitimar o novo governo que se instalava no País. O primeiro traço dessa legitimação civil ao novo sistema de governo de que vigoraria no País, foi a Constituição de 1891. Essa carta magna apagou de vez

quaisquer resquícios da política que vigorava no Brasil, durante o Império. Essa carta foi a mais breve e enxuta da história do Brasil, talvez devido à suma brevidade da assembleia constituinte, que passou a vigorar após a instalação da constituição em 15 de novembro de 1889. A construção total dessa constituinte fez-se através de 58 dias de sessões. Assembleia teve representantes de todos os estados, que aprovaram com unanimidade a nova carta federal (VILLA, 2011, p.32).

No Rio Grande do Sul, a chegada da República deu-se através do sangue no pampa gaúcho. A queda do Império deu-se, aqui, com a também queda da hegemonia política de Silveira Martins. Martins era o representante da política liberal imperial na Província. Com a República, foi criado o PRR, antes da República, fortemente liderado por Júlio de Castilhos, e seu plano político para o Rio Grande do Sul. Foi pelas páginas do jornal A Federação de Porto Alegre, veículo ideológico do PRR, que Castilhos mostrou a face de suas ideias políticas:

Nesse supremo instante, em que sofre a nossa Pátria a mais profunda emoção que jamais teve abalo. Precisamos descer da grande esfera dos extraordinários deveres impostos ao patriotismo para nos ocuparmos de um indivíduo, ainda de caráter tão conspícuo, como o Dr. Gaspar Silveira Martins. [...] Chamar de ilegal os atos de uma revolução é uma redundância. Fazemos a honrada folha a que nos dirigimos o serviço de poupar-lhe argumentos para provar a nossa ilegalidade. Declaramos que o governo deste Estado, que o governo de toda a República está em plena ilegalidade. Não estamos com a lei, mas estamos com o direito. A lei instituía uma forma de governo perpétuo, e nós instituímos uma forma de governo temporário. A lei sustentava uma família privilegiada para o governo, e nós mostramos a essa família o caminho do exílio. A lei apoiava um senado vitalício, um conselho de Estado Vitalício, uma câmara que deveria funcionar quatro anos, e tudo nós derrubamos (A FEDERAÇÃO, 20\11\1889).

O discurso de Castilhos atacou, frontalmente, a imagem de Gaspar Silveira Martins. Além de uma série de ameaças, Castilhos mencionou seu opositor político como sendo representante imperial no Estado, que de certa forma estava correto. Mais do que afrontar Martins, Castilhos mencionou o exílio político que foi usado para com Dom Pedro II, como sendo uma alternativa política para o velho político do pampa. Entretanto, essa afronta através do jornal A Federação, teria forte influência na maior crise política do Estado, a Revolução Federalista de 1893-95.

Dentro desses conturbados anos iniciais da República, deu-se o maior incidente político no Estado. No plano regional, a Revolução Federalista veio a constituir numa reação a dominação política de Martins sobre o Estado, desde o período imperial. Os republicanos liderados por Castilhos buscavam uma reação ao projeto político que vigorava no Estado.

Entretanto, a Revolta partiu dos Liberais gasparistas que vinham sendo aliados do poder desde a queda do Império em 1889 (PESAVENTO, 1983, p.9).

Em plano nacional, a República Velha só iria consolidar-se efetivamente no governo de Floriano Peixoto. Peixoto substituiu Deodoro na Presidência da República. Seu período de governo foi tumultuado, pois além da crise nas forças armadas, o governo teve que apaziguar algumas revoltas em território Brasileiro. Inicia-se nesse período, com a queda de Deodoro, um processo, que a partir de então, começa a ampliação da participação popular, tanto em prol do governo, como na sua oposição com os “deodoristas”. Nesse momento, iniciou um novo patamar na política republicana que foi a deposição de Deodoro da Fonseca (CARONE, 1983, p.71).

Após a estabilidade alcançada no governo Floriano, o Brasil desperta no século XX com uma política sustentada na federalização dos Estados. O “sonho republicano” de democratizar a política e a economia deu seus primeiros passos. No entanto, o Brasil passou a conhecer uma nova fórmula de governo. Essa fórmula baseava-se na relação recíproca entre políticos municipais, estaduais e federais, dentro de um círculo vicioso de proteção às relações de poder entre os interessados. O Brasil conhecia a política dos governadores, um sistema sustentado no coronelismo local, que servia de baluarte para sustentar uma política do partido que estivesse no poder.

Por isso mesmo o coronelismo é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil (LEAL, 2012, p.44).

Essa mistura apresentada por Vitor Nunes Leal, acerca do uso de poder privado na política pública, gerou influência desmedida na questão da corrupção eleitoral no Brasil. Para Félix (1996), o núcleo preponderante no qual a trama de relações sociais e políticas desenvolveu-se é a estância de criação, é a propriedade privada de origem pastoril com forte vínculo com o coronel local. Essa unidade moldada sobre forma de latifúndio, com características idênticas, de maneira geral, existia em todo País. No caso do Rio Grande do Sul, o coronelismo teve força esmagadora durante a década de 1920. O governo borgista soube apropriar-se da cultura do coronelismo rural da campanha, e transformá-lo em “borgismo”, onde, segundo Félix (1996), seria o período político de Borges de Medeiros à frente do Estado.

No nível federal, a República velha, a partir do governo Prudente de Moraes, passou a ter uma dicotomia na alternância dos presidentes da República. Houve uma alternância no poder, com candidatos representados por São Paulo e Minas Gerais. Essa prática recebeu o nome de política do café com leite. Essa política de alternância fica clara na posição do historiador Boris Fausto. Em sua visão política:

Os ajustes e desgastes entre as oligarquias, nas sucessões presidenciais, ganharam novos contornos. Um bom exemplo é a disputa pela sucessão de Epiácio Pessoa. O eixo São Paulo-Minas lançou como candidato, nos primeiros meses de 1921, o governador mineiro Arthur Bernardes. Contra essa candidatura levantou-se o Rio Grande do Sul, liderado por Borges de Medeiros que denunciou o arranjo político São Paulo-Minas como uma fórmula de garantir recursos para os esquemas de valorização do café, quando o País necessitava de finanças equilibradas. Os gaúchos temiam que se concretizasse uma revisão constitucional, realizada efetivamente por Bernardes em 1926, limitando a autonomia do Estado (FAUSTO, 1994, p.305).

A divergência apontada por Fausto (1994), com o Rio Grande do Sul sendo contrário à política praticada de sucessões presidenciais, desencadearia fortes consequências para o Estado. Ao não apoiar Bernardes ao pleito presidencial, Medeiros também aderiu à Reação Republicana, com isso “oficializou” sua postura de oposição a Bernardes, vencedor das eleições presidenciais. Essa postura de Medeiros traria uma neutralidade do Presidente para a questão interna da Revolução de 1923.

A fórmula sucessória de poder federal só iria romper com a eleição do sucessor do paulista Washington Luís para ocupar seu cargo. Ao invés de obedecer à trama política, com Minas Gerais, e permitindo que esse Estado indicasse um nome para sucedê-lo, Luís resolveu indicar outro candidato, de seu próprio Estado. O nome era o do governador de São Paulo, Júlio Prestes. A ruptura política entre São Paulo e Minas Gerais também seria a ruptura da República Velha. A partir daí, surgiria dos confins do Sul do País o nome de Getúlio Vargas, que através da briga política nacional para sucessão presidencial iria tramar a Revolução de 1930, que levaria ao poder e colocaria fim à República Velha.

1.1 A Última Revolução Gaúcha.

Os primeiros anos da década de 1920 no Rio Grande do Sul davam mostra de que o período de quase trinta anos de paz estaria por acabar. Passadas três décadas da Revolução Federalista, o Estado voltou-se, novamente, para enfrentar uma revolução. A chamada Revolução de 23, por mais que tenha algumas características familiarizadas com o conflito de 1893-95, não pode ser considerada uma “filha da Revolução Federalista”. A principal

característica que se pode comparar com as duas revoluções é o tipo de poder arbitrário e centralizador do Partido Republicano Riograndense (PRR), que assim como em 1893-95, com Júlio de Castilhos no poder, agora em 1923, o partido oferecia a liderança de Borges de Medeiros, um “filho das hostes castilhistas”.

No passado, o PRR enfrentou o Partido Liberal, organização de políticos da região da campanha, com forte liderança de Silveira Martins. Já em 1923, o PRR enfrentou uma aliança com grandes vínculos ideológicos do núcleo de formação política do PL. Essa aliança tornar-se-ia a gênese da Aliança Liberal que levaria Vargas ao poder em 1930.

Para analisar a Revolução de 1923, faz-se necessário percorrer os breves anos antecedentes à Revolução. Com o final da Primeira Guerra Mundial (1914-18), os pecuaristas, principalmente da região do Pampa, sofreram grandes perdas em suas exportações. Com esse fato deu-se a recuperação econômica europeia no período pós-guerra. A esse fato, o Rio Grande do Sul também sofreu sérias estiagens pluviométricas no ano de 1921, o que prejudicou ainda mais a vida dos estancieiros da Campanha. Devido a isso:

Os produtores, principalmente pecuaristas, que no período da guerra fizeram investimentos para expandir a produção agro-mercantil que se desenvolvia no RS, no período pós-guerra lutaram para conseguir que a estrutura jurídico-administrativa da área garantisse esses investimentos. Solicitaram ao Estado: a redução das tarifas ferroviárias para fazerem frente à concorrência nacional no mercado interno; elevação da taxa de importação devido à concorrência platina; diminuição dos impostos; criação de um banco hipotecário ou carteira de crédito agrícola. Invocaram amparo e proteção do Estado, a fim de que se segurasse a lucratividade dos investimentos e mantivesse as condições de reprodução das relações sociais dominantes. Ocorre que o PRR, partindo de sua orientação positivista, considerava que a administração direta ou a intervenção do Estado na sociedade só era legítima quando dissesse respeito a serviços públicos, que se relacionassem com o interesse da coletividade (ANTONACCI, 1981, p.39).

Essa negligência do poder estadual em socorrer os produtores rurais fez surgir na figura de Assis Brasil uma liderança efetiva não só para resolver os problemas econômicos, mas também iriam beneficiar-se com sua liderança para tentar derrotar Medeiros nas eleições de 1922. Com a negativa do Presidente do Estado, Borges de Medeiros, em socorrer os produtores rurais, as eleições para Presidente do Estado marcadas para 1922, eram a única maneira de recuperação econômica, principalmente da região do Pampa. Para isso, Assis Brasil tornou-se o líder supremo de uma classe social que vinha em descrédito político desde a perpetuação no poder do PRR, com as lideranças de Castilhos e Medeiros.

Durante as campanhas eleitoras, em algumas regiões do Estado, já começavam a ocorrer os primeiros atos de violência, de ambos os partidários, que viria a culminar com o levante de

1923. Assis Brasil sabia da dificuldade de formar uma oposição no Estado, fortemente dominado pelo PRR. Em setembro de 1922, Medeiros nomeia uma comissão para consultar os líderes do PRR nos municípios, para detectar se seria possível concorrer ao seu quinto mandato como Presidente do Estado. Com a resposta positiva, algumas lideranças do PRR resolvem destituir-se do partido, fortalecendo a Aliança por Assis Brasil. Uma dessas lideranças destituídas está o general Antonio Netto, o Zeca Netto, que abandonaria a cidade de Camaquã para juntar-se às lideranças políticas opositoras na região da Campanha, berço político oposicionista do PRR (CARONE, 1983, p.377).

Após meses de forte campanha eleitoral, Borges de Medeiros vence as eleições presidenciais no Estado pelo seu quinto mandato. A oposição viu a vitória da situação como ilegal, pois foram confirmadas inúmeras fraudes em várias cidades do interior. Até mesmo a contagem de votos foi colocada sob suspeita. Após o governo estadual reconhecer Borges de Medeiros como Presidente do Estado, a oposição recolheu-se para pegar em armas contra o Estado e a “máquina política” do PRR. Uma das principais lideranças da oposição ao governo era João Batista Lusardo. Em depoimento ao seu biógrafo, o mesmo assim tratou a questão:

Houve a campanha política por todo o Estado, a eleição, a fraude borgista e a conspiração. Fui ao Rio algum tempo depois da eleição para um encontro com o Dr. Assis Brasil e principalmente o Deputado Artur Caetano da Silva e o Dr. Adalberto Correia. Foi o famoso encontro da Pensão América, na Rua do Catete. Fizemos um juramento sagrado. A revolução rebentaria em Passo Fundo, Quarai, Alegrete e Uruguaiana, na festa de posse de Borges de Medeiros. Juramos que o Rio Grande estava conosco, precisava de alguém que se lançasse à luta. Então tomamos a responsabilidade de estourar a revolução. Depois seria mais fácil, o povo nos acompanharia. Acertamos isso e mais ainda, quando haveria de começar a revolução. Combinamos que seria na madrugada de 25 de janeiro de 1923. A posse do Borges na Presidência do Estado estava marcada para as 14 horas. Nós iniciamos a revolução às duas da manhã (CARNEIRO, 1977, p.137).

O depoimento de Lusardo ao jornalista Glauco Carneiro, mostra a organização da oposição. De fato, a reeleição de Medeiros era um fato esperado, o que não surpreendeu a oposição anti-governista. A referência à estada de Assis Brasil no Rio de Janeiro é uma mostra das intenções do político em obter a cooperação federal para o lado opositor do conflito. O “quartel general” da oposição mais uma vez foi a região da Campanha, assim como foi trina anos antes com a Revolução Federalista. Alguns representantes da Revolução da degola levantaram-se em armas novamente, dentre os quais estavam: Honório Lemes, João Francisco e o famoso degolador de 1893, Adão Latorre. Do lado do PRR, a figura contraditória de Nepomuceno Saraiva, Filho do Lendário Aparício Saraiva, um dos principais líderes uruguaios da Revolução Federalista, que deu suporte militar a Gaspar Silveira Martins.

Com relação à busca pelo apoio do Presidente da República, tanto Assis Brasil quanto Borges de Medeiros articulavam no Rio de Janeiro um convite informal a Arthur Bernardes, para intervir para um dos lados na revolução. Nessa questão, Assis Brasil tinha uma “carta na manga”, pois nas eleições presidenciais da República, tinha apoiado Bernardes, ao contrário que fizera Borges de Medeiros. Dessa forma:

Já agora, em 1923, temia-se pelo que pudesse ocorrer, dada a circunstância de que Borges fora contrário à candidatura do presidente Bernardes, muito embora, logo em seguida, houvesse defendido o respeito pleno à decisão das urnas, opondo-se frontalmente às agitações militares que se anunciavam contra o eleito. Para a surpresa dos partidários de Assis Brasil, que haviam defendido a candidatura de Arthur Bernardes e lhe dado numerosos sufrágios no pleito de 1922, o presidente determinou a neutralidade das forças federais diante do conflito regional e se absteve de promover a intervenção, tão desejada pelos rebeldes (FRANCO, 1996, p.8).

Sem a interferência federal, o conflito mantinha-se em todo o território gaúcho. As forças do governo através da brigada Militar davam forte vantagem sobre um inimigo que fazia uma guerra ainda no estilo da Revolução Federalista. Sem conseguir recursos financeiros para suas frentes, Assis Brasil mantinha suas forças na região da campanha, numa verdadeira guerra de guerrilha, praticamente sem pressionar o inimigo fora de sua área de domínio.

O maior combate entre as forças do governo e os libertadores de Assis Brasil, deu-se na famosa batalha da Ponte de Ibirapuitã, quando as tropas de Honório Lemes impuseram não só uma enorme derrota para a Brigada, mas também quase mataram o oficial da corporação e futuro governador do Estado, Flores da Cunha. Assim recordou Batista Lusardo:

O combate foi iniciado quando a tropa de Flores da Cunha atacou a ponte. E foi terrível, atordoante, arrasador. Os revolucionários abrigavam-se em cercas de pedras, por trás de velhos paredões. [...] varias vezes o inimigo foi rechaçado em sua tentativa de ultrapassar a ponte, sofrendo numerosas baixas. Flores viu seu irmão Guilherme morrer diante de seus olhos. Ele próprio foi ferido, assim como Osvaldo Aranha. O rio, sob a ponte tingia-se de vermelho. As cargas eram detidas no leito da ponte que regurgitava de carcaça de animais e cavalarios mortos. Muitas vezes homem e cavalo caíram vivos no turbilhão das águas e se debatiam angustiadamente antes de parecer. Mas começou a faltar munição do lado libertador. As obsoletas Mannlichers, de um só tiro, assim com a munição falhavam constantemente (CARNEIRO, 1977, p.163).

A narrativa de Lusardo mostra toda a dificuldade enfrentada pelos libertadores frente às forças do governo, muito melhor equipadas para o combate. Após a vitória em Ibirapuitã, os libertadores começaram a perder campo, cada vez mais empurrados para a região da fronteira com o Uruguai e Argentina. Com o conflito chegando ao limiar do final de 1923, finalmente o

Presidente Arthur Bernardes opta por enviar ao Estado o general Setembrino de Carvalho, para apaziguar o conflito. Carvalho chegou ao Rio Grande do Sul e foi recebido pelo Presidente do Estado Borges de Medeiros. Suas instruções eram para arbitrar o término do conflito, sem usar forças federais, e sim convidar tanto Assis Brasil e Borges de Medeiros para um debate franco sobre as consequências a que a revolução tinha chegado. Em um telegrama de Arthur Bernardes a Borges de Medeiros, fica clara a real intenção da vinda de Setembrino de Carvalho ao Estado.

Presidente Borges de Medeiros.

P. Alegre

De Palácio Cattete; Data 14\10; Hora 20h10.

Tenho o Prazer em comunicar a V.Exa, que segue para os Estados do Sul, inclusive o Rio Grande, em inspeção aos corpos das respectivas guarnições, o ministro da guerra general Setembrino de Carvalho, que em meu nome procurará aí V.Exa, para apresentar-lhe os meus cumprimentos e conversar ao mesmo tempo sobre assunto de interesse tanto do Rio Grande como do nosso país. A meu pedido segue igualmente para esse Estado, o deputado Nabuco de Gouvêa que procurará também da minha parte falar a V.Exa. Espero serão ambos bem acolhidos por V.Exa, a quem apresento atenciosas saudações (Arquivo Borges de Medeiros).

O telegrama mostra a preocupação do Presidente da República quanto ao conflito que se estendia sobre maneira durante o decorrer de 1923. No entanto, fica evidente ao se ler o telegrama que a postura de Bernardes continua sendo de uma não intervenção federal do conflito. A vinda do Ministro da Guerra é cerceada com profundo cuidado para tentar demonstrar uma neutralidade quanto aos acontecimentos no Estado sem, com isso, tomar parte mantendo-se numa postura unilateral. Ao tomar ciência dos interesses federais da vinda do ministro da guerra para o Rio Grande do Sul, tanto Assis Brasil, quanto Borges de Medeiros concordariam que a revolução havia chegado longe demais no Estado. A próxima etapa seria assinar o fim do conflito, que seria conhecido como a Paz de Pedras Altas. Para tanto, Carvalho precisaria convencer tanto Assis Brasil quanto Medeiros, que ambos tinham que abrir mão de suas convicções políticas para dar fim ao conflito. Cabia ao líder dos libertadores depor suas armas imediatamente, o que foi conseguido sem grandes esforços. Já o líder do PPR, cabia não só abdicar dos combates, como também rever alguns pontos na Carta Constitucional gaúcha de 1891, para não mais concorrer a um sexto mandato na presidência do Estado. Dessa forma:

Após a anuência de Borges de Medeiros à reforma do artigo 10, tornou-se grande o otimismo dos mediadores, seguros de que se abriria caminho à conciliação. Mas assim não aconteceu logo. Do lado rebelde pesava negativamente nas deliberações a influência do já referido “comitê revolucionário” de Pelotas, inarredável na sua

pretensão de alcançar o afastamento do presidente do Estado. [...] o comitê de Pelotas, liderado pelo Dr. Berchon, irritava o general Setembrino com exigências que fazia, e o general não tinha confiança quanto às definições de Assis Brasil (FRANCO, 1996, p.21).

As reuniões sucederam-se em Bagé, cada ponto de interesse entre os envolvidos no conflito era debatido com Setembrino de Carvalho. Durante os últimos encontros, a paz foi aceita por ambos os lados, dando início a uma debandada militar pelo lado dos libertadores. Mesmo assinando o acordo de paz, Assis Brasil não era visto como herói pelos seus liderados. Os militares que guerrearam por toda a Campanha, ficaram incautos quando receberam ordem de baixar suas armas e aceitar a permanência de Borges de Medeiros no poder. Ao fim das negociações, Medeiros telegrafou ao Presidente da República, e atestando o fim da Revolução no Estado.

Sr. Presidente da República.

Cattete

Rio

Com maior júbilo patriótico, tenho honra de comunicar V.Exa, acabo de assinar a ata de passificação Estado. Congratulando-me com V.Exa, pelo completo êxito sua mediação amistosa para cessação da luta fratricida, cumpro indeclinável dever apresentarme mais efusivos agradecimentos pelo notável serviço assim prestou Rio Grande, República, animado sempre superior espírito justiça e alto patriotismo.

Atenciosas saudações

15\12\1923

(Arquivo Borges de Medeiros).

O fim da Revolução de 1923 marcaria a última revolução em solo gaúcho, até o momento. A região da campanha continuou a ficar fora do ‘palco’ do centro político estadual. Desde esse instante, essa região passou a deteriorar-se economicamente, nunca mais alcançando a estirpe de centro produtor e político, nos tempos áureos do Império. Após terminar seu mandato em 1927, Borges de Medeiros passou o “bastão” para seu pupilo político, Getúlio Vargas, com a anuência da oposição de Assis Brasil, a que apoiou o candidato do PRR. No final da República Velha, mais uma vez, as forças centripetas de Borges de Medeiros e Assis Brasil unir-se-iam, criando a Aliança Liberal, sendo orquestrada por Vargas e lhe dando poder máximo no Brasil.

1.2 Pelotas no cerne do ano de 1923

Na chegada dos anos de 1920, Pelotas já havia completado seu centenário de Fundação. A Princesa do Sul, como a cidade era e é carinhosamente chamada, teve seu apogeu econômico e cultural no final do século XIX. Com o advento das charqueadas, a cidade desenvolveu-se economicamente, alcançando índices privilegiados para a época. A fundação da primeira charqueada no município deu-se pelo cearense José Pinto Martins, no final do século XVIII, em 1779. Desde então, a cidade entrou no século seguinte numa situação próspera, que a consolidaria como líder nacional na fabricação do charque.

Entretanto, na chegada do século XX, Pelotas começou a perder seu poderio econômico, em virtude da chegada dos primeiros frigoríficos. Essa mecanização da carne e seus derivados contribuíram para agravar a crise dos produtores de charque, que ainda mantinham suas indústrias insipientes, de maneira artesanal. A partir de 1908, a cidade começou a apresentar uma diversificação em sua economia, através das indústrias têxteis, que consolidariam seus prédios na zona portuária, próxima aos frigoríficos. Apesar da queda do charque, Pelotas continuou com uma alta circulação econômica. O dinheiro de suas indústrias permanecia na cidade, o que gerou uma série de especulações financeiras que terminariam com a criação do Banco Pelotense fundado em 1906. O Banco Pelotense teve seu auge nos anos 1920, transformando a cidade numa forte concentradora de lucros, porém, o mesmo não resistiu para trazer de volta o poderio econômico dos tempos do charque. Dessa forma:

[...] o Banco Pelotense teve 69 agências e filiais em todo o Brasil. Em 1931, quando ainda ocupava o terceiro lugar no País entre os detentores de maiores depósitos em numerário, foi obrigado a fechar, envolvido numa trama política articulada fora dos limites municipais (MAGALHÃES, 2005, p.86).

Se a economia dos anos 1920 ia bem, o mesmo se poderia atribuir às artes. Os teatros e casas noturnas estavam repletos de pelotenses que aderiam ao gosto artístico que estava em voga. Dentre o maior destaque na arte nesse momento, estava a soprano Zola Amaro. Além de encantar as plateias burguesas da época, com seu canto lírico impecável, Zola também “encantou” a base política do PRR local, ao não aceitar fazer uma apresentação lírica para contribuir com o hospital da cruz vermelha libertadora, local onde era dominado pelo comitê pró Assis Brasil em Pelotas. Apesar de o hospital ser usado para recuperar os feridos da invasão da cidade em 1923, isso não foi suficiente para convencê-la a aderir a ideia. Segundo a mesma:

[...] é me doloroso não poder acolher vosso convite, por não desejar envolver minha arte em qualquer manifestação que não seja de ordem geral. Isto não impede que,

particularmente, sinto não contribuir com meus modestos dotes artísticos para a nobre tarefa de secar as feridas dos heróicos gaúchos da minha terra natal (CALDAS, 1995, p.43).

A política pelotense, nesse período, era respaldada por uma hegemonia de três décadas de dominação do PRR, na cidade. Desde a queda do Império, os republicanos locais passaram a dominar a política local, com a liderança na prefeitura. Essa dominação do PRR na prefeitura local se deu por influência da aristocracia local com vínculo partidário com o PRR. Uma liderança fundamental no golpe local no intendente imperial foi de Fernando Luis Osório, então líder do PRR na cidade. Osório e seus correligionários destituíram o intendente local na prefeitura, Arthur Maciel. Osório se encaminhou à Câmara de Pelotas:

[...] foi suspensa a sessão e os vereadores entraram para uma pequena sala. Enquanto isso se dava, chegou a mim o Dr. Cassiano do Nascimento, dizendo: e se, em resultado da conferência, o Maciel não resignar, o que pensas que devemos fazer? Acho que deves subir em cima de uma cadeira e num discurso convidar todo o povo aqui reunido a exigir do Maciel sua renúncia. Se ele recalcitrar, deverá ser deposto. Está bem respondeu Nascimento (MAGALHÃES, 2011, p.64).

Os “osórios” tiveram suma importância na manutenção republicana em Pelotas. Desde então, a cidade teve forte ligação política com essa dinastia. Em meados dos anos de 1920, o representante máximo desta família era o coronel Pedro Luis da Rocha Osório, popularmente conhecido como coronel Pedro Osório.

1.3 Referencial teórico para entender fatos locais

Apesar de ser um experimento arriscado, o principal referencial teórico-metodológico que será utilizado nesse trabalho é a Micro-Mistória, pois, através dela, tentarei definir as particularidades que permearam às 12 horas de invasão e conquista da cidade de Pelotas. Para Vainfas (2002), o texto fundador da metodologia da micro-história seria “Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário”, de Carlo Ginzburg, apesar de grande parte dos historiadores que utilizam metodologia costumarem recusar a existência de um trabalho fundador.

Segundo Espig (2006), a Micro-História torna-se fundamental, também, perante um amplo material empírico, pois a micro-história busca relacionar formulações teóricas iniciais em conjunto com as informações trazidas pelas fontes. Para Espig, dessa maneira, a evidência documental terá preponderância frente à teoria, podendo em alguns casos contribuir para sua reelaboração teórica. Nessa questão, o método da micro-história aplicado pelos historiadores, como afirma Barros (2007), se diferencia da macro-história tradicional, empregando uma redução de escala de observação, sem poupar os detalhes da fonte. Para o historiador que

utiliza a micro-história, o que importa não é a unidade de observação, mas sim a escala de observação.

Na visão de Levi (2005), a micro-história sempre possuiu uma específica posição dentro da nova história, nesse sentido ela passa a refutar o relativismo, o irracionalismo e uma determinada redução do trabalho do historiador, no qual sua pesquisa estabelece uma atividade que demanda uma retórica peculiar que interprete os textos, e nunca os próprios acontecimentos pesquisados pelo historiador. O autor também demonstra uma peculiaridade central da micro-história: a redução de escala como um procedimento analítico, podendo sempre ser aplicado em qualquer lugar, sem ser influenciado por quaisquer dimensões de escala de objeto que está sendo analisado. Dessa forma:

A redução de escala de análise era considerada como uma operação que permitiria ao historiador colocar em relevo aspectos do problema estudado, que não seriam observáveis de outro modo. Mas essa característica da aproximação micro-histórica fazia sentido em um quadro bem mais rico de proposições que valeria a pena ser olhado com mais calma. A crítica aos macro-modelos estáticos baseava-se antes de tudo em uma recusa do seu pré-suposto básico, isto é, a concepção de que estrutura social ampla era constituída de modo totalmente homogêneo e respondia a uma coerência interna que explicaria por si só todas as variações. “Um mundo integrado e redigido por sistemas coerentes de normas, que influem diretamente e sem ambigüidade sobre todas as micro-decisões” e no qual as discrepâncias, a multiplicidade das realidades individuais, eram deixadas de lado por não possuir valor explicativo e possibilidade de generalização (LIMA, 2006, p.260).

Através da interpretação de Henrique Espada Lima (2006), o trabalho de Giovanni Levi trouxe uma nova interpretação sobre a questão de escala. Segundo esse autor, não basta apenas uma história sobre objetos reduzidos, mas uma reflexão mais aprofundada acerca de tais procedimentos usados pelos historiadores da micro-história em suas pesquisas. Em seu início, a micro-história vinha sendo interpretada como uma operação totalmente caracterizada pela redução de escala de análise. São nos trabalhos de Levi que essa perspectiva de escala é abordada com uma metodologia mais sistemática.

Em “O Queijo e os Vermes”, Ginzburg (2012) utiliza como fragmento para análise de micro-história o moleiro Menocchio. Através de um processo promovido pela inquisição italiana, Ginzburg consegue, por meio de uma redução de observação, diagnosticar o fenômeno macro da atividade inquisitória na Itália da época moderna. Já em “Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário”, Ginzburg (2009) demonstra que o método de Giovanni Morelli (signos pictóricos), Holmes (indícios) e Freud (sintomas) baseiam-se numa observação dos pequenos detalhes. Ou seja, redução de escala de observação na qual “os olhos” não

costumam perceber importantes detalhes que poderiam proporcionar ao pesquisador uma solução para seu objeto de pesquisa, ou seja, através de um paradigma indiciário.

Na obra “A Herança Imaterial”, Giovanni Levi traz novos elementos para repensar a questão da micro-história, indo além da hegemonia de Ginzburg. Aquele apresenta um elemento novo para o debate desse tipo de metodologia: seu texto traz exemplos de microanálise histórica na qual suas estratégias de pesquisa e investigação estão mais próximas das peculiaridades dos arquivos brasileiros (LIMA, 2009).

Para Revel (1998) existe a necessidade de adotar inúmeras escalas para efeito de observação de diferentes tipos de conhecimento em torno dos fatos. Nesse ponto, o autor atribui ao local definido pelo pesquisador como uma das inúmeras escalas de pesquisa, que o historiador pode utilizar em vista do procedimento que lhe proporcionar melhores caminhos. Esse autor demonstra que a opção pelos jogos de escalas poderia ser de excelente perspectiva para análise de uma história local, onde as relações sociais e de poder estão dentro de um universo complexo.

Capítulo 2

Análise de um dia singular

2.1 Um Amanhecer para a História de Pelotas

Era mais uma madrugada da primavera de 29 de outubro de 1923. Um grupo de 400 homens aproximava-se da entrada da cidade de Pelotas pelo flanco oeste, liderados por um general de 69 anos, que usava farta barba branca e fumava um cigarrinho de palha. Durante o trajeto, eis que um objeto luminoso, uma estrela cadente, rasgou o céu límpido. Alguns cavalos espantaram-se e saltaram de pavor. Alguns homens temeram ser um recado divino para não continuarem seu trajeto. Mas o velho líder afirmou categórico: “é apenas um prenúncio da nossa vitória militar”.¹⁴

Do outro lado da cidade, na residência do coronel Pedro Osório, chefe do Partido Republicano Riograndense (PRR), acontecia uma reunião política, com os mais destacados líderes republicanos da cidade, para analisar a situação política de Pelotas frente à Revolução de 1923. A certa altura, um indivíduo bate à porta da residência, e o coronel Pedro Osório vai verificar de quem se trata. Era um homem muito afobado que trazia uma importante notícia: “o general Zeca Netto está nas proximidades da entrada de Pelotas, com uma vasta tropa muito bem armada”. Mas o líder republicano em Pelotas desacreditou a notícia, afirmando aos seus correligionários na reunião: “bobagem, o Netto não vem pra cá. Deixem de sustos rapazes, vocês precisam descansar, vão dormir, pois vocês não dormem há muitas noites. E rindo como era de seu costume sentenciou: o Netto jamais entrará em Pelotas”.¹⁵

O descrédito do líder do PRR foi o que trouxe transtornos para Pelotas. Por volta das 5h da manhã, o líder revolucionário Zeca Netto, chefe da 4ª divisão do Partido Libertador (PL), adentrava Pelotas através de três frentes de ataque. Uma pela entrada do bairro Fragata, outra pela av. Fernando Osório e a última pelo bairro Tablada (MOREIRA, s d, p.06). Durante a invasão de Pelotas, a cidade estava muito desguarnecida, não houve uma precaução para lidar com uma ameaça externa, pois:

¹⁴ Jornal Correio do Povo, 25 Novembro de 1962. Artigos especiais de Dário Crespo, principal líder militar de Zeca Netto em seu 4º. Exército libertador.

¹⁵ Artigo do historiador Mário Osório Magalhães (1949-2012), acerca da tomada de pelotas, destinado ao historiador militar Ângelo Pires Moreira, que utilizou no seu estudo o plano de ataque do general Zeca Netto a Pelotas.

Faltou aos defensores de Pelotas acionarem suas informações para detectar um ataque a Pelotas. E se não o fizeram foi talvez por terem subestimado a capacidade dos revolucionários, desprezando informes que Zeca Netto iria atacar Pelotas, quando deveriam ter lançado postos avançados de vigilância e patrulhas sobre prováveis vias de acesso a Pelotas. E isto se entende, pois não eram profissionais em Arte Militar (BENTO, 2003, p.169).

Os Libertadores de Netto¹⁶ deram mostra de seu poderio ofensivo, primeiramente, através dos arredores da praça 20 de Setembro, vindos do bairro Fragata, iniciando o primeiro combate com as forças pelotenses. Nos pavilhões da sociedade Agrícola, e no prédio da escola de Artes e Ofícios, localizava-se a guarnição do 1º corpo provisório e da 3ª Brigada Provisória de Pelotas, sob o comando do major Aldrovando de Andrade Leão. É nesse instante que o tenente-coronel Filipe Conca inicia seu ataque contra as forças locais, ocasionando uma série de baixas, dando início ao combate em Pelotas (CRESPO, 1962, p.02)

O ataque repentino não fazia parte do plano de Zeca Netto, que determinava que as três divisões de combate estivessem próximas para dar início ao combate. A luta foi sangrenta, a vitória foi dos libertadores, que se dirigiram para o centro da cidade. Um fator determinante para a marcha libertadora ter sucesso foi o aquartelamento dos militares do Exército, localizados no bairro Fragata, mais precisamente na av. Duque de Caxias, ou seja, o caminho realizado pelos libertadores. O 9ºBC¹⁷, comandado pelo major Arthur Cantalice¹⁸, estranhamente, não entrou em combate com as tropas de Netto. As forças libertadoras combateram apenas as forças municipais e estaduais na cidade. Essa questão ficou bem exemplificada pelo trabalho de Pedro Henrique Caldas, que assim relata:

[...] exatamente as 5h e 30min, após as primeiras descargas, o 9ºBatalhão de Caçadores foi colocado em prontidão. As escoltas destinadas a guarnecer as repartições federais e a zona neutra, começaram a sair tão logo o major Arthur Cantalice, comandante do 9BI, chegou ao quartel. [...] de maneira geral, o êxito do ataque a Pelotas dependia da neutralização daquele setor, pois se encontrava ali a força governista mais qualificada (CALDAS, 1995, p.79).

O pesquisador Caldas nos traz a importante informação de que a guarnição federal em Pelotas optou não só pela guarnição das repartições públicas da cidade, mas também construiu

¹⁶ José Antônio Netto. Jaguarão Chico URU (1854)- Camaquã (1948). Pecuarista e líder militar. Participou da Revolução Federalista (1893-95), ao lado do PRR de Julio de Castilhos. E militar do PL em 1923.

¹⁷ 9º. Batalhão de Caçadores, extinto Batalhão do Exército em Pelotas. Atualmente sede do 9º Batalhão de Infantaria Motorizada (9ºBIM). Localizado na av. Duque de Caxias, bairro Fragata.

¹⁸ Comandante do Batalhão de Caçadores em Pelotas, durante a Revolução de 1923.

uma zona neutra¹⁹ de combate no centro da cidade. Com isso, levou os combates para uma área central da cidade, nos arredores da prefeitura de Pelotas; Rua Quinze de Novembro; Rua Andrade Neves e as ruas oriundas do bairro Fragata: Tiradentes, Lobo da Costa e Dom Pedro II, o que contribuiu para a segurança da cidade perante o ataque de Netto.



Figura 1. Prédio dos pavilhões da Sociedade Agrícola. Fonte: IHGPEL.

Como a frente militar do tenente-coronel Filipe marchava triunfante para o centro da cidade, ao encontro do coronel Coriolano Castro, que já estava perto da região central, vindo com seu pelotão do bairro três vendas, as outras duas frentes de combate não encontraram empecilho na zona norte da cidade, sob liderança do coronel Nicanor Crespo e, igualmente marchavam em direção à área central da cidade. O dia não havia clareado e a Princesa do Sul já se encontrava fortemente cercada pela legião do PL²⁰. A cidade, que já se encontrava desprotegida, também não recebia reforço da Brigada Militar de Porto Alegre. João Neves da Fontoura afirma que a logística do PRR, principalmente com a Brigada Militar, era inevitavelmente superior às tropas Libertadoras.

¹⁹ Zona de guerra construída pelos militares do 9º BC em Pelotas. Esta ordem veio do Comando Militar do Sul, iniciando a construção de uma área neutra de guerra, para concentrar as batalhas em um determinado local, e com isso, salvaguardar as repartições públicas e órgão de interesse do município. Essa área ficou determinada num quadrante em pleno centro de Pelotas, onde foi o palco principal das batalhas do dia 29 de Outubro de 1923.

²⁰ Partido Federalista, criado por Assis Brasil para fazer frente ao PRR de Borges de Medeiros na crise financeira de 1922 e posteriormente na Revolução de 1923.

[...] não há dúvida que a Brigada Militar é uma tropa de elite, bem treinada, com soldados veteranos e bem comandada sob uma disciplina exemplar. Mas seus efetivos não iam além de 2000 homens, distribuídos pelos quatro cantos do Rio Grande. Só nos meses anteriores é que o senhor Borges de Medeiros, à vista pública da ameaça da sedição, conseguira importar certas quantidades de armamentos. (FONTOURA, 1954. p. 283).

Pelotas era uma cidade que continha, talvez, o maior número de correligionários pró-Assis Brasil no Estado. Esse grupo era ativo na propaganda para eleger Brasil, como também articulava informações preciosas e forneciam recursos financeiros e bélicos para as tropas libertadoras. Sendo assim, Netto achava-se perfeitamente informado de toda situação militar que Pelotas se encontrava, o que foi preponderante para concretizar sua invasão. (FERREIRA FILHO, 1979, p.85).

A Cidade de Pelotas encontrava-se sob domínio do PRR desde a queda do Império (1889). Durante a entrada das tropas de Netto, a cidade estava sob comando do intendente Pedro Luiz Osório, primo do coronel Pedro Luiz da Rocha Osório, líder do PRR no município. Essa relação familiar no comando político em Pelotas deixa claro que o município estava vinculado a um sistema coronelista. O continuísmo no poder de membros de uma mesma família, muitas vezes oriundos do setor pecuarista e rural, marcou a política de estado no Brasil fortemente na República Velha (JANOTTI, 1989, p.37). Com a queda do Império, o primeiro líder republicano em Pelotas foi Fernando Osório. A partir desse momento:

[...] na determinação de consolidar o regime em Pelotas, foi forçar a renúncia do presidente da Câmara, notoriamente simpático ao regime antigo. Realizado esse intento, dedicar-se a promover a adesão oficialmente. [...] ainda assim, não quis precipitar-se. Antes, visitou o comandante da guarnição local, acompanhado de muito povo, discursou defronte à sua residência, enaltecendo a República (MAGALHÃES, 2012, p. 129/30).

Por volta das 8h da manhã, as três frentes do 4º exército libertador encontram-se no centro da cidade. A partir desse momento, dá-se o combate final entre as forças dos libertadores e as forças locais.



Figura 2. O combate na rua XV de Novembro. Fonte: IHGPEL.

Com o teatro de batalhas no centro da cidade, deu-se o combate ao centro do 1º posto, sede da polícia municipal, tendo enorme número de cidadãos pelotenses como “plateia”. Situado aos fundos da Biblioteca Pública Pelotense, este local de combate deixou inúmeros populares feridos com projéteis perdidos, mostrando a ferocidade da batalha aos transeuntes do local. (CALDAS, 1995, p.84). O ataque espalhou-se até a prefeitura municipal, sede do governo local, que ficava nos arredores do prédio da Biblioteca Pública Pelotense. Sendo assim:

[...] o coronel Nicanor Centeno vinha pela rua 15 de Novembro, ao atingir a rua Marechal Floriano, parte de suas tropas ocupa a Praça coronel Pedro Osório e inicia o ataque a prefeitura; a outra parte pela rua Marechal Floriano, ao entestar com a rua Andrade Neves, inicia o ataque ao 1 posto policial que ficava nos fundos da prefeitura. Nesse encontro são mortos o Capitão Francisco de Jesus Verneti, Comandante da polícia municipal e o Major Manoel Batista Gomes, da força atacante (MOREIRA, s.d, p.06).

Em tese, os combates tiveram seu núcleo central numa área com a seguinte extensão: da Praça 20 de Setembro à Rua Manduca Rodrigues; desta rua em direção a Rua gen. Osório; desta em direção ao prédio da prefeitura; e deste em direção à Praça 20 de Setembro, fechando um quadrado imaginário. Essa área restrita de combate tornou-se importante para uma observação dos seus fenômenos, que formaram o ambiente não só de combate, mas

também as relações entre libertadores e as forças locais. Para estabelecer os parâmetros de análise desse contexto, o uso do “microscópio” se faz preponderante, pois:

A redução de escala proposta por Ginzburg e Poni, depois de Grendi, convidava a outra leitura do social. A história social dominante refletia sobre agregados anônimos acompanhados durante um longo período. Seu próprio peso ameaçava não lhe permitir articular entre si os diferentes aspectos das realidades pelas quais se interessava através de categorias precocemente solidárias. Ela tinha dificuldades em apreender as durações médias ou curtas, e com mais razão ainda os acontecimentos, não sabia o que fazer com os grupos restritos, recusava-se por definição a levar em conta o individual (REVEL, 2000, p. 16/17).

Através da redução de escala proposta pela micro-história italiana, o espaço reduzido das batalhas no centro de Pelotas terá seus meandros analisados, com singular atenção, pois esse referencial teórico e metodológico permitirá examinar também as fontes relacionadas à questão das batalhas no centro de Pelotas.

Os estudos do historiador militar Ângelo Pires Moreira, no seu trabalho sobre a tomada de Pelotas pelas forças de Netto, define o ataque ao corpo de bombeiros como um ato fundamental para os libertadores, pois era ali que ficava o depósito bélico de uma importante guarnição do município. Em suas palavras:

[...] o corpo de bombeiros era o depósito de material bélico das forças governistas que atuavam na zona sul era comandado pelo Ten. Luiz Filipe Abaçáí. Foi atacado pelo Coronel Leônidas Damasceno que, para atingir seu objetivo, percorreu o seguinte itinerário. Rua Barão de Santa Tecla, Rua General Argolo, Rua Marechal Deodoro Rua General Teles e Rua Andrade Neves (MOREIRA, s.d, p.06).



Figura 3. Prédio do Quartel do corpo de Bombeiros em Pelotas. Fonte: IHGPEL.

Em suas memórias, Netto afirma a necessidade de maior poderio bélico para a entrada em Pelotas. Num diálogo com o general Estácio²¹, o velho libertador avisa que no caso de conseguir uma quantidade significativa de munição, irá atacar Pelotas, mesmo sem a presença de Estácio, que optou por seguir em direção ao oeste (FRANCO, 2003, p.66). Se Netto recebeu as munições que pretendia receber, isso não é declarado pelo mesmo em suas memórias, mas não é um fator determinante para o assalto ao quartel do corpo de bombeiros, celeiro de munições das forças locais. Afinal, em qualquer batalha, é fato o inimigo se interessar pela munição do adversário conquistado. Na visão do historiador Arthur Ferreira Filho:

[...] seu plano foi executado à risca, consistia no ataque simultâneo a todos os pontos guarnecidos, que eram o Pavilhão da Sociedade Agrícola, a Escola de Artes e Ofícios, os 1º. e 2º. Postos Policiais, a Intendência Municipal e o Quartel do Corpo de Bombeiros. Fracionou a coluna, empenhando-a todas nesses diversos golpes de mão. Foi um lance audacioso, que poderia ter redundado em completo desastre, no caso, não de todo impossível, de que a vanguarda de Juvêncio de Lemos se apresentasse no teatro da luta, enquanto a tropa de Aldrovando Leão ainda resistia (FERREIRA FILHO, 1973, p. 86).

²¹ Estácio Xavier de Azambuja, general da 4ª. Divisão do exército libertador de Zeca Netto. Veterano da Revolução de 1893-95. Nasceu em Camaquã em 1860. Descendia dos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. Devido a laços de seu casamento, ligou-se a família de Silveira Martins em 1889 (FRANCO, 2003, p.68).

Com base nas fontes pesquisadas, Netto tinha todas as informações necessárias para um ataque surpresa a Pelotas. Desde o bloco oposicionista composto, principalmente, pelo comitê pró Assis Brasil, passando pelos seus informantes libertadores, dando sustentação ao seu plano de ataque. Se a administração pública do município, conjuntamente com suas forças de defesa, não esperava um ataque emergente dos libertadores, o mesmo não se fez com relação às forças de Netto, que planejavam o ataque com antecedência.

Para Eliana Castro (2004), em Pelotas havia jornalistas revolucionários que, através da imprensa, se encarregavam de conduzir uma guerra psicológica para confundir as forças locais acerca dos movimentos dos invasores em Pelotas. Na visão da autora, houve um bem sucedido *marketing*, exagerando as reais possibilidades e seus efeitos causados pelos invasores da cidade. Tais jornalistas sempre anunciavam ataques sobre determinados objetivos, que muitas vezes não se concretizavam. Nesse sentido, a imprensa pró-revolucionários teve fundamental importância, não só para favorecer as tropas de Netto, mas também para divulgar a necessidade dos invasores conquistarem Pelotas, visto que a cidade não deveria permanecer sob controle do PRR.

As lutas avançavam pelo centro da cidade, cada rua era conquistada na luta a cavalo e à "bala", a região neutra estava praticamente cercada e rendida pelas tropas conquistadoras. Enquanto isso, Netto já começava a botar em prática seu plano de conquista. Após a rendição da cidade, esta se tornou oficialmente propriedade do PL de Assis Brasil²². Para isso, Netto realizou uma série de atos simbólicos para estabelecer Pelotas como área político-administrativa do PL. O primeiro ato foi baixar a bandeira de Pelotas e erguer a do PL. Posteriormente, telegrafou para o Presidente do Estado, Borges de Medeiros, para o chefe libertador Assis Brasil e para o Marechal Setembrino de Carvalho, informando-os da conquista de Pelotas. Mas o ato de maior impacto foi a ata da conquista de Pelotas, assinada pelos líderes libertadores de Netto e os membros do comitê pró-Assis Brasil.

²² Joaquim Francisco de Assis Brasil (São Gabriel 1857-1938). Pecuarista, advogado, diplomata e político gaúcho propagandista da República. Posteriormente saiu das fileiras do PRR, dedicando-se à diplomacia do Governo Federal. Retornou às atividades políticas locais na Revolução de 1923, através do Partido Libertador (PL).



Figura 4. Pelotenses observam as tropas de Zeca Netto conquistar o prédio da prefeitura de Pelotas. Fonte: IHGPEL.

Ao adentrar no prédio da Prefeitura de Pelotas no final da manhã, Netto não deu ordem de prisão ao então intendente local Dr. Pedro Luiz Osório. Não só o intendente como todo o corpo político que se encontrava no prédio foi retirado, dando lugar ao general Netto e seu estado maior. Durante esse acontecimento o povo de Pelotas foi em massa às ruas apoiar a investida do general libertador sobre a cidade, o que torna evidente uma divisão política das classes mais baixas com relação à elite republicana pelotense. A esse fato se faz necessário uma visão particular sobre as minorias sociais que tiveram efetiva participação ideológica na conquista de Pelotas. Essas minorias foram retratadas, principalmente pela historiografia inglesa, como “a história vista de baixo”. Para Jim Sharpe:

A perspectiva de escrever a história vista de baixo, resgatando as experiências passadas da massa da população, seja da total negligência dos historiadores ou da “enorme condescendência da posteridade” de Thompson, é, portanto, uma perspectiva atraente. Mas, como sugerimos, a tentativa de estudar a história dessa maneira envolve muitas dificuldades. [...] vários problemas de conceituação. Onde exatamente os de baixo estão. In: (BURKE, 2010, p.42/3).

Como afirma Sharpe, é preciso ter cuidado ao delimitar quem seriam os de baixo, pois o historiador desatento poderia fazer uma generalização, colocando nessa categoria todos os cidadãos com pouco poder aquisitivo, por exemplo. Ao analisar o povo de Pelotas que aderiu em massa à ideologia dos libertadores, é preciso ressaltar que o grupo do comitê pró Assis Brasil era composto tão somente por indivíduos da elite pelotense, demonstrando uma

dicotomia de apoio a Netto, pois a oposição não estava tão somente radicada nas classes menos favorecidas, apesar de ser majoritária.

2.2 As Primeiras Horas que Abalaram Pelotas

A conquista de Pelotas pelas tropas de Zeca Netto foi um episódio que marcou a história político-administrativa do município na década de 1920. Jamais se imaginou que o próspero município seria conquistado com tamanha facilidade. No entanto, esse acontecimento singular na história de Pelotas não pode ser estudado isoladamente. Ao optar pela Micro-História como “tronco” principal do referencial teórico, tentar-se-á fazer algumas conexões com fatores macro que influenciaram a conquista de Pelotas, em 29 de outubro de 1923. Dessa maneira:

A relação entre esta história reduzida, mínima e detalhada e a história geral ou generalista também é um problema enfrentado por vários de seus autores e comentaristas. Embora não restem dúvidas sobre o relacionamento entre a micro e a macro-história, este não será mera complementaridade, mas será o objetivo de desvendar realidades distintas que, mesmo não autônomas entre si, possuem particularidades. A micro-história não promove um rompimento com a macro-história, mas sim com alguns dos hábitos adquiridos por esta, criticando e revendo os instrumentos tradicionais da análise sócio-histórica (REVEL, 1998, p.20).

Essa história reduzida está atrelada a uma história mais ampla, de um ponto de vista espacial menos reduzido, onde os fatores externos, da política gaúcha, interagem com o ambiente de microanálise desse objeto de estudo. Para o estudo da conquista de Pelotas, e sua relação com a Revolução de 1923²³, está dentro de uma visão macro da história regional, onde a conquista de Pelotas faz parte do contexto. Todo o universo do dia 29 de outubro de 1923 é uma ramificação da Revolução. Durante o ano de 1922 as aspirações econômicas, principalmente dos pecuaristas da região da Campanha, oriundas do fim da Primeira Guerra Mundial (1914-18), entraram em atrito político com o PRR de Borges de Medeiros.

²³ A revolução de 1923 foi a última revolução em solo gaúcho. Esse conflito teve alguns vínculos com a Revolução Federalista de 1893-95, tais como: a perpetuação no poder do PRR, as rivalidades partidárias e políticas com políticos e coronéis da região da campanha e a falta de uma justiça eleitoral que impedisse a corrupção das campanhas eleitorais. O período pós 1ª Guerra mundial foi de derradeiro declínio econômico para os pecuaristas e produtores da região da campanha, pois além da diminuição da demanda de produtos e linhas de crédito nos bancos, houve a concorrência com produtos oriundos da região do Prata. A situação agravou-se com a negativa do Presidente do Estado Borges de Medeiros em socorrer tais pecuaristas, devido à ideologia positivista, que para ter uma intervenção no Estado somente seria possível em nível de serviços públicos e de interesse geral. Essa situação fez surgir a liderança de Assis Brasil, posteriormente rompendo com o Governo do PRR. Por fim, a causa imediata da Revolução de 1923 foi o pleito eleitoral de 1922, no qual o Presidente do Estado Borges de Medeiros, elegeu-se para seu quinto mandato de maneira fraudulenta, o que também gerou dissidências internas dentro do PRR.

No início da década de 1920, o Rio Grande do Sul passava por dificuldades econômicas na região do Pampa. Sua época de apogeu havia terminado, pois a Europa, principal compradora de produtos agroindustriais e pecuaristas, já estava fortalecida economicamente, o que gerou uma diminuição das importações do Estado. Esta questão econômica gerou discordâncias políticas entre a elite local do Pampa, com o governo borgista. Segundo Paulo Vizentini:

[...] a economia gaúcha havia enfrentado uma fase de prosperidade com a expansão dos mercados internacionais para os produtos rio-grandenses durante a Primeira Guerra Mundial. A pecuária, particularmente foi bastante beneficiada. Com o final da guerra, houve uma retração do mercado, na medida em que a demanda decrescia e a produção dos países que participaram da guerra se recuperava, voltando aos seus níveis normais. [...] os pecuaristas apelam para o governo pedindo proteção para o setor. Medeiros encaminha infrutiferamente ao governo federal o pedido dos pecuaristas gaúchos. [...] a crise econômica da pecuária rio-grandense e a eminência da quinta reeleição de Borges de Medeiros vão criar condições favoráveis para a unificação das oposições gaúchas (VIZENTINI, 1998, p.24).

Devido à negativa de Borges de Medeiros em beneficiar os pecuaristas com ajuda financeira e fiscal, deu-se o primeiro grande motivo para a união de uma frente única no pampa gaúcho, através da liderança política de Assis Brasil. Faz-se necessário salientar, aqui, que a negativa do Presidente do Estado em proteger os pecuaristas perante à crise econômica, também tem o fator ideológico positivista, impregnado dentro do PRR, como do próprio governo borgista. Esta questão é salientada por Celi Regina Pinto:

[...] a história do PRR não é uma repetição de uma fórmula que teve sucesso nos primeiros anos do regime, mas sim a construção de um projeto político não oligárquico e nisso a doutrina positivista de Auguste Comte foi elemento fundamental. O positivismo, ao mesmo tempo em que deu subsídios para o partido criar um Estado autoritário, que lhe garantiu a reprodução do poder, foi a base doutrinária de um discurso que apresentava o partido acima de interesses particulares, ou seja, como protetor e organizador da sociedade gaúcha em seu conjunto(PINTO, 1986, p. 13-3).

Estabelecida a vitória de Borges de Medeiros para seu quinto mandato, as forças opositoras sob a liderança de Assis Brasil entraram em guerra com o governo do estado e com o PRR. Iniciado o conflito, tanto Medeiros como Brasil estabeleceram contato com o Presidente da república para uma intervenção no estado. Esta questão era mais possível para o PL, pois, Medeiros fez parte da Reação Republicana contra a eleição presidencial de Arthur Bernardes (FRANCO, 1996). No entanto, o Governo Federal optou pela neutralidade, ocasionando uma revolução apenas regional no Estado. Para Maria Antonieta Antonacci:

[...] a 16 de janeiro de 1923, a Comissão de Constituição e Poderes deu por terminado seu trabalho, concluindo pela vitória de Borges de Medeiros, com 106.300 votos. Assis Brasil obtivera 32.216, sendo que para impedir a reeleição de Borges deveria alcançar 34.644 votos, ou seja, a quarta parte dos sufrágios. Demonstrando que as oposições não estavam dispostas a aceitar a vitória de Borges de Medeiros, Assis Brasil já viajara para o Rio de Janeiro, numa tentativa de recorrer a instâncias superiores da Nação (ANTONACCI, 1986, p. 98).

O Governo teve sempre maior poderio militar no conflito, pois além da bem estruturada Brigada Militar, contava com recursos oriundos da máquina governamental. Já a oposição, praticava a guerra de guerrilha no Pampa sob as lideranças militares, principalmente de Batista Lusardo, Honório Lemes, João Francisco e Zeca Netto. Na visão de José Murilo de Carvalho (1977), todo o processo de recrutamento militar é inversamente proporcional a intensidade e a particularidade de um processo interno de socialização de acordo com cada região. Este processo se verifica com maior ênfase na escolha e no recrutamento de oficiais e líderes. A Revolução de 1923 marcou o apogeu do coronelismo no Estado, incluindo os pecuaristas até mesmo na região da serra. A política era de supremacia vinculada ao fenômeno nacional que teve seu fim com a chegada da era Vargas em 1930. De acordo com a visão de José Murilo de Carvalho, tal fenômeno possui amplas relações:

[...] relacionado com a proclamação da república e a institucionalização do novo regime, a combinação entre fortalecimento dos poderes estaduais, formação dos quadros oligárquicos regionais, supressão do poder moderador imperial e preservação dos esquemas informais de poder, encharcados de patrimonialismo e mandonismo, contribuiu para engendrar aquilo que se convencionou chamar de sistema político coronelista. O coronelismo é um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis (CARVALHO apud AXT, 2011, p 132).

A economia gaúcha havia enfrentado um momento de grande prosperidade durante a Primeira Guerra Mundial devido as suas exportações. Mas, com o fim do conflito, deu-se uma forte retração do mercado europeu, ocasionando uma diminuição nas exportações gaúchas, atingindo seriamente os pecuaristas do Oeste gaúcho. No entanto, estes apelaram ao Presidente do Estado pela proteção a sua economia rural. Medeiros encaminha a solução ao Presidente da República Arthur Bernardes, sem êxito. Além da crise econômica, o pleito eleitoral gaúcho para o quinto mandato de Medeiros na presidência do Estado foi incentivo suficiente para a organização dos produtores rurais da Campanha, na criação de um partido político gerando uma oposição a Medeiros, com a liderança de Assis Brasil frente ao PL e, com isso, iniciando a Revolução de 1923 (VIZENTINI, 1998, p. 24).

O abalo da crise da pecuária fez com que uma grande parcela da elite dominante local, que não tinha acesso ao controle do poder, tornasse a decisão de pegar em armas contra o PRR e seu monopólio político dominante (PESAVENTO, 1986,p.44). Nesse contexto político e econômico, o nome de Assis Brasil passou a ser tratado como uma possível alternativa ao governo do estado. Mesmo de maneira ainda incipiente, a idéia de sua candidatura ao pleito regional passou a tomar forma. Dessa forma Carlos Reverbel define aquele momento político:

Um pouco antes quando levantaram a sua candidatura à Presidência do Estado, as correntes políticas que o procuraram foram movidas pelas ideias que ele próprio havia propagado. Como percebera João Neves da Fontoura, com a acuidade que lhe era peculiar, “a política não era para ele um destino, mas um dever que contraíra muito jovem nas lutas em que se envolveu”. E noutra passagem de suas agudas observações, acrescenta o prócer borgista: “Essencialmente era um publicista, um doutrinador, um criador de sistemas”. Na defesa de suas idéias democráticas teve seguidores em todos os terrenos, até nas coxilhas, de armas na mão. As últimas escamuruças pampeanas em 1923 tiveram-no como chefe civil (REVERBEL, 1990, p.86).

A questão da não interferência na economia do Pampa merece um “olhar” mais rigoroso sobre a questão²⁴. Ao não socorrer os pecuaristas, Medeiros mostrou que seu plano de governo ainda se mantinha sob forte influência do Positivismo, apesar de seu afastamento da Igreja Positivista de Porto Alegre. De acordo com essa doutrina, a economia deveria ser diversificada, não privilegiando um só produto, sempre mantendo um equilíbrio orçamentário. A influência da Filosofia Positivista na política gaúcha²⁵ está dividida por quatro momentos (PEZAT, 1997, p.106). Das origens da propaganda republicana à queda do Império (1878-1889), da proclamação da República ao fim do mandato presidencial de Júlio de Castilhos (1889-1897), da posse de Borges de Medeiros à crise que se seguiu à Primeira Guerra Mundial (1898-1922), e da Revolução Assisista à revolução que levou Vargas ao poder (1923-1930).

O plano do PRR foi tentar diversificar uma economia fortemente apoiada na pecuária desde o período Imperial no Estado, no intuito de resolver ou amenizar a crise. Para Fonseca (1983, p.17), a principal característica do plano econômico do PRR também foi a criação de

²⁴ Essa questão é problematizada por Joseph Love (1977) ao considerar o RS um estado anômalo quanto à economia e à política durante a República Velha (1889-1930), pois não continha características para exportação, nem para subsistência local. Politicamente não foi um estado dominante nem um estado satélite.

²⁵ Trindade (1980) faz um interessante diagnóstico da influência do positivismo na política do PRR em que a filosofia positivista com seu conteúdo autoritário se faz presente em grande parte dos temas políticos do PRR, posteriormente a tomada poder, irá consubstanciar-se na Constituição Rio-grandense de 1891. A questão do poder através da Constituição de 1891 fica evidente na opinião de Russomano (1976) foi um período brilhante na organização do estado, no qual foram concretizadas as mais lídimas aspirações do PRR, enfeixadas posteriormente na constituição de 14 de julho.

novas opções para a economia gaúcha, o que significava dotar o Estado de uma sólida economia agrícola. Por outro lado, essa questão não significava que o governo borgista tivesse uma postura severa anti-pecuarista. Em um artigo no jornal A Federação, Medeiros esclarece sua “arte” em fazer política.

As decisões do governo, enquanto a “síntese da vontade coletiva”, deveriam ser correspondidas por uma estrutura partidária disciplinada e homogênea, que por esta natureza, seria a oposição aos desvarios subversivos da política. O governante e chefe do partido não poderiam a cada decisão consultar as bases partidárias, sob pena de espojar-se dos seus atributos de comando que são o característico de sua força moral, e precipitar a sociedade no mais infrene caos, da desmoralização mais completa. Se, portanto para o posto de governo, a moral elevada do líder era condição indispensável, a mesma não podia ser dissociada de sua faculdade de comando, sendo esta comparada à responsabilidade de um general na “peleja” (A FEDERAÇÃO, 11/11/1907).

Após essa breve mostra das condições político-econômicas do Estado durante a Revolução de 1923, fica mais clara a situação política que Pelotas estava vinculada na época. Após meses de batalhas no Rio Grande do Sul, o governo federal agiu na questão da revolta local. Tentando não tomar parte de nenhum dos lados, o Presidente da República Arthur Bernardes enviou o gen. Setembrino de Carvalho ao Estado para “pacificar” a revolução. Nesta questão, o governo federal pretendia manter a autoridade do presidente do Estado e para terminar o conflito optou pela conveniente conciliação entre o PL e o PRR. (ANTONACCI, 1981, p.97).

No município, a Revolução mostrou suas “garras” através do exército libertador de Zeca Netto, que a conquistou. De acordo com suas memórias, Netto deixou claro que a sua principal motivação, ou única, para invadir Pelotas, era chamar a atenção do general Setembrino de Carvalho, que estava em Porto Alegre, para assuntos políticos, em torno do governo borgista e da Revolução. Dessa forma, Pelotas foi escolhida para ser invadida por ter um grande aporte econômico, o segundo maior no Estado, e ter sua intendência sob domínio do PRR local.

Segundo Ferreira Filho (1973, p.62), o general Netto, enquanto esteve na cidade, jamais demonstrou algum ato de rapinagem ou violência contra qualquer cidadão, tratando a todos com cordialidade, respeito e disciplina. Enquanto Pelotas esteve dominada, não houve nenhum ato de violência. Essa é mais uma imagem clássica de Zeca Netto ao qual se tentou estabelecer uma representação de homem cordial, culto e avesso à violência, aspecto que também se aplicou à Revolução de 1923. Mas, segundo sua viúva, em entrevista concedia ao

jornal “Zero Hora”, a passagem de Netto por Pelotas não foi tão amistosa como afirmou Arthur Ferreira Filho. Otélia Pires assim afirmou:

[...] ele me dizia que só uma vez mandou matar alguém. Foi em Pelotas. Quando abriu a cadeia foi procurado por um casal que contou que o filho havia sido solto com os outros. Esse filho teria matado a própria irmã e jurado matar os pais (no caso eles) quando saísse da prisão. O general, então, contou ter mandado um peão resolver o caso. Agora o Manecão (Manoel Joaquim de Jesus, homem de confiança de Netto), este sim, dizia achar graça ao degolar alguém (ZERO HORA, 31 de outubro de 2003).

A entrevista deixou claro que a passagem de Zeca Netto teve situações que lembraram as batalhas da Revolução de 1923 no Oeste do Estado, na qual, em algumas situações, houve degolas de ambos os lados. Com a cidade em seu poder, Netto passou a usufruir não só de sua liderança política, mas também do status de herói libertador para o povo que invadiu as ruas em sua homenagem. O Estado, ao deparar-se com uma ameaça de origem do campo, transforma a imagem de determinado indivíduo que luta pela liberdade em um bandido social e criminoso.

Mas a massa da sociedade local considera esse tipo de indivíduo um herói, um vingador, uma pessoa que luta pela justiça, vendo-o como um libertador e como um homem a ser admirado, ajudado e sustentado (HOBSBAWM, 2010, p.36). A representação de um indivíduo para Roger Chartier está determinada a fatores dominantes na relação de poder:

[...] as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que forjam.[...] as percepções sociais não são de forma alguns discursos neutros.[...] por isso as investigações sobre representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios enunciam em termos de poder e dominação (CHARTIER, 1986. p. 17).

Para a oposição em Pelotas, Zeca Netto era o símbolo do herói libertador, um homem que iria devolver à cidade a sua liberdade política através da justiça do combate eminente. Já para a situação, vinculada ao PRR, Netto era um bandoleiro, um bandido, um desordeiro que deveria ser preso vivo ou morto. Na opinião de Jean Jacques Becker:

[...] enquanto a história das mentalidades gosta dos “espaços” amplos da longa duração, onde se determinam as atitudes profundas, a conduta dos indivíduos durante séculos, ou, ao mesmo, prefere os horizontes mais limitados da média duração, que registram as mudanças progressivas de uma geração para outra, a história da opinião pública, para retornar a uma expressão de Fernand Braudel, é uma micro-história, atenta ao tempo breve, ao indivíduo, à história. Por tempo breve,

deve-se entender a reação imediata a um acontecimento preciso e num momento estritamente delimitado (BECKER, 2010, p.189).

O fenômeno da invasão pode trazer fatores pouco perceptíveis, mas de grande valia para um observador dessa escala reduzida de análise. Durante a invasão de Pelotas pelas tropas de Netto, a ocupação de Pelotas se deu num período circunscrito de uma manhã. Um olhar mais detalhado para Pelotas mostra que a cidade ainda ocupava uma privilegiada condição econômica. A produção do charque não era mais “o carro chefe” da economia local. Pelotas já vivia a era dos frigoríficos, gerando uma concorrência desleal para os pequenos produtores. Instalou-se aqui uma forte indústria frigorífica. É sintomático ao se analisar os primeiros anos da década de 1920, que as exportações gaúchas sofreram uma enorme queda.

Entretanto, o charque gaúcho, com grande margem de consumo interno, teve uma situação econômica até certo ponto privilegiada, com flutuações na balança comercial bem menor do que outros produtos de exportação oriundos da Campanha (FONSECA, 1983, p.59).

A orizicultura, principalmente através das propriedades do coronel Pedro Osório, tornou-se substituta ao charque, em importância econômica com suas exportações e alta qualidade do produto. Pelotas também vivia seu ápice econômico através do bem sucedido Banco Pelotense, que seria sucedido, posteriormente, pelo Banrisul. Netto, ao planejar a invasão de Pelotas, sabia que a cidade era uma rota de produtos econômicos, pois sua localização privilegiada, entre o porto de Rio Grande, assim como duas vias de acesso às estradas, uma para a capital do Estado e outra para a Campanha.

Politicamente, Pelotas continuava com vínculo ao PRR, desde os primórdios da República, quando Fernando Luís Osório, vinculado ao Império, derrubou o líder do governo local, Antunes Maciel, auto-liderando a República na cidade (OSÓRIO,2011,p.27). O próprio Zeca Netto, durante sua estada política no PRR, esteve várias vezes em Pelotas para participar da política local. Isso mostra suas relações com Pelotas foram além de questões militares e econômicas.

Em relação à política Nacional, Pelotas também se incluía na crise política do Estado, no qual a administração do Estado estava agregada, com a adesão de Borges de Medeiros à Reação Republicana, que pretendia lançar o nome de Nilo Peçanha contra Arthur Bernardes nas eleições presidenciais. Com a vitória de Bernardes, não só Borges de Medeiros, mas também o intendente local em Pelotas passaram a ter sua relação deteriorada com o regime federal. Essa questão contribuiu para a entrada de Netto em Pelotas, pois as forças armadas federais locais, “misteriosamente”, tornaram-se neutras frente aos invasores.

Ao analisar a relação entre Medeiros e Bernardes, fica evidente que o Estado não poderia ter o clássico vínculo com a Política dos Governadores, pois o eixo Município-Estado-Federação não compactuava das mesmas conciliações políticas. A hegemonia do PRR em Pelotas, portanto, se deve muito mais à força política de Medeiros e do coronelismo²⁶ local na cidade. Dessa forma:

Essa função eleitoral do coronelismo é tão importante que sem ela dificilmente se poderia compreender o do ut dê que anima todo o sistema. O regime federativo também contribuiu, relevantemente, para a produção do fenômeno: ao tornar inteiramente eletivo o governo dos Estados, permitiu a montagem de sólidas máquinas eleitorais; essas máquinas eleitorais estáveis, que determinaram a instituição política dos governadores, repousavam justamente no compromisso “coronelista” (LEAL, 2012, p.233).

Esse caleidoscópio político-econômico no qual Pelotas estava vinculada no fatídico dia de 29 outubro de 1923, demonstra que numa observação em escala reduzida se percebe que a cidade estava inserida nos fenômenos não só da Revolução de 1923, como também na intrincada política entre o Rio Grande do Sul e o Governo Federal.

Revel (1998, p.123) analisa a necessidade de adotar o conceito de inúmeras escalas para efeito de observação de diferentes tipos de conhecimento em torno da perspectiva da microanálise. Nesse ponto, o autor atribui ao local definido pelo pesquisador como uma das inúmeras escalas que o historiador pode utilizar em vista do procedimento que lhe proporciona melhor caminho. Esse autor demonstra que a opção pela variação de escalas pode fornecer boa perspectiva para análise de uma história local, em que as relações sociais e de poder estão dentro de um universo particular.

Os jornais pelotenses cobriram intensamente o ataque a Pelotas. Por óticas diferentes, de acordo com suas posições políticas, cada periódico mostrou uma faceta acerca da entrada das tropas de Netto em Pelotas. O que chama atenção é o forte vínculo do jornal “Diário Popular” com o jornal “A Federação” de Porto Alegre. Essa estreita relação aproximou o jornal pelotense do ideário federalista do PRR. Por suas páginas, a invasão de Pelotas foi um

²⁶ O Coronelismo foi um sistema de dominação político-ideológico que consolidou a oposição ao PRR desde o período pré Revolução Federalista (1893-95). Para Queiroz (1977) o Coronelismo teve suas raízes durante o período imperial, mas floresceu consideravelmente durante a Primeira República (1889-1930); é um fenômeno brasileiro. Foi uma prática política de poder local utilizada por grandes fazendeiros em diversas regiões do Brasil. A base do poder político dos coronéis era a grande propriedade fundiária com homens de sua confiança colocavam sua lealdade a serviço de seu chefe político. Essa questão é trabalhada por Felix (1996) sendo o Coronelismo gaúcho certo tipo de poder exercido por alguns chefes políticos sobre determinado grupo de pessoas que necessitam de sua dependência. Essa situação visa, principalmente, objetivos eleitorais que permitam aos coronéis a sua imposição de nomes para determinados cargos sobre sua indicação. Esses coronéis têm sua autoridade reconhecida pela base local de indivíduos em municípios e, em alguns casos, inclusive regionalmente.

ato bárbaro de bandoleiros vinculados a Assis Brasil que deveriam ser severamente combatidos pelas forças locais e estaduais. Em suas páginas fica nítida a postura contrária à entrada dos libertadores, após a invasão, o jornal assim informa:

Foi com a mais viva das emoções que a população honesta de Pelotas, acompanhou o desenrolar dos bárbaros acontecimentos da manhã de 29. [...] ferido Vernetti, que foi assim, posto fora de combate, os valentes policiais do seu comando, acreditando numa perfídia do inimigo, cessaram de resistir e se entregaram. De modo que todas as energias legais de Pelotas, todo seu ímpeto combativo ficaram, desde momento concentradas no 1 Corpo Provisório. [...] O inimigo ciente de sua inferioridade moral, sem a coragem que só as grandes causas imprimem aos seus palinuros, ocultou-se, precavidamente nos edifícios e anteparos circunvizinhos. [...] Entretanto, os defensores da Legalidade apresentavam aos seus timoratos inimigos, o exemplo mais eloqüente de destemor e de desprendimento perante a morte (DIÁRIO POPULAR, 01.11.1923).

Por essas linhas do periódico de Pedro Vergara²⁷, não só combatia os libertadores de Netto, como ressaltava o brio e a valentia dos policiais pelotenses frente à invasão. O vínculo do “Diário Popular”²⁸ não era apenas com o jornal “A Federação”, ou com o PRR, mas o jornal era propriedade do coronel Pedro Osório, chefe local do PRR. Por essa questão circunscrita, seus editoriais eram sempre permeados de uma ideologia partidária, onde os bandoleiros²⁹ era mostrados como invasores desleais e insurgentes contra a ordem do Estado de direito legal, perante a Constituição de 1891. Já as forças locais eram retratadas como agentes legais, de uma cidade que se mantinha no “esplendor” da ética administrativa da intendência.

Tânia de Luca (PINSKY, 2010, p.116) relaciona essas questões ao fato de certas influências ocultas sempre estarem nos bastidores de redações de jornais e a qual papel político e ideológico determinado periódico sofria/atendia em determinada época. Nesse momento, cabe ao historiador interpretar aspectos que para um leigo poderiam ser negligenciados, tais como: a qual grupo econômico pertence o jornal, qual a ideologia política desse grupo e sua área de difusão?

Diferentemente do “Diário Popular”, seu arqui-rival, o jornal “A Opinião pública”, mostrava em suas páginas uma visão diferenciada sobre a entrada dos conquistadores na cidade. Esse jornal, com forte vínculo com o PL de Assis Brasil, via a conquista de Pelotas como um marco contra as arbitrariedades de Medeiros, durante a Revolução de 1923. Sua

²⁷ Diretor do Jornal Diário Popular na época da invasão de Pelotas por Zeca Netto.

²⁸ O jornal Diário Popular, fundado em 1890 por Theodósio de Menezes que ostentava na capa de seus periódicos o dístico do PRR, era de propriedade do cel. Pedro Osório, chefe local do PRR em Pelotas. Seu diretor, Pedro Vergara, mantinha estreita relação com o redator chefe do jornal A Federação, Lindolfo Collor.

²⁹ Malfeitor, sujeito que agia contra a ordem política e social. Termo usado pelo jornal “Diário Popular”.

linha editorial, além da defesa dos ideários libertadores, também fazia forte ataque ao “Diário Popular”, acusando-o de deturpar as “verdades” sobre a entrada de Netto na cidade. Em matéria de capa, “A Opinião Pública” assim destacou:

[...] digno fructo de tão frondosa árvore, o Netto de 23 relembra as virtudes excelentes do seu antepassado entrando na cidade opulenta com a imponente serenidade dos grandes, sem luvas brancas, mas emolduradas as faces com aquellas com aquellas bárbaras cor de neve a impor respeito da gente de bem e exigir a veneração de todos os homens de honra. [...] Pelotas assistiu assim, fremente de entusiasmo, transbordante de alegria, a entrada triunfal do grande Zeca Netto, o bravo e nobre soldado da liberdade que continua a traçar, nas páginas da história riograndense, os bellos feitos que são o apanágio da raça. Quis a generosidade daquelle coração magnânimo, que Pelotas, recebendo a visita das hostes revolucionárias, soffresse o menos possível, de forma que a alegria do triunfo não tivesse a empanar-lhe o brilho, a tristeza da lágrima (A OPINIÃO PÚBLICA, 01-11-1923).



Figura 5. Jornal a Opinião Pública. Fonte: Biblioteca Pública Pelotense.

2.3 Pelotas para Brasil

Após ser invadida e tomada, a cidade de Pelotas perdeu seu status de município pertencente ao PRR do Estado. A partir de agora, torna-se necessário uma mudança espacial na observação das primeiras horas da tomada de Pelotas. Sendo de uma periferia de análise, partir-se-á para uma visão mais abrangente, numa escala de observação macro, operando uma relação estrutural com as doze horas da ocupação da cidade de Pelotas, no contexto político do Estado. Também nesse momento será analisado o principal sujeito do estudo e suas relações com o fenômeno das primeiras horas do dia 29 de Outubro de 1923 e suas

peculiaridades com o evento. José Antônio Netto, ou melhor, Zeca Netto³⁰, teve papel determinante para a tomada de Pelotas

Netto começa a combater na região Sul do Estado, gerando uma série de confrontos com as forças governistas de Borges de Medeiros e a sua poderosa Brigada Militar. No decorrer do ano de 1923, a movimentação de Netto nos arredores de Pelotas começa a ser alardeada na cidade. Alguns meses antes da invasão já se ouviam nos “quatro cantos” da cidade que o exército de Netto estava por perto. Nos dias próximos ao 29 de outubro, Netto vence uma batalha contra a Brigada Militar nos arredores do município, e passa a montar acampamento na região da Cascata, esperando a hora certa de atacar Pelotas.



Figura 6. Netto e Ildefonso Simões Lopes filho. Fonte: IHGPEL

Antes da invasão de Pelotas, Netto já obtinha simpatizantes para sua manobra sobre o município. Além do comitê pró-Assis Brasil na cidade, Netto também conseguiu adesão de muitos pelotenses à sua causa. Dentre os mais ilustres está Ildefonso Simões Lopes Filho, da abastada família Simões Lopes. Ao assinar a ata que destituiu a cidade de seu intendente, o velho general libertador concluiu seu engenhoso plano de conquista. Mas até invadir Pelotas, Netto vinha de uma série de batalhas nos arredores da via de acesso pelo oeste. Seu 4º Exército Libertador veio em direção à cidade, conquistando pequenos territórios e vitórias sobre contingentes de Corpos Provisórios e da Brigada Militar. Antes da invasão de Pelotas, Netto residia em Camaquã, cidade próxima à capital do Estado e de lá já articulava de maneira fecunda seus futuros passos por terras ao sul.

A questão da intervenção federal no Estado sempre foi motivo de discussão pela historiografia da Revolução de 1923. Era uma ideia central para a política do PL uma

intervenção do Presidente da República no Estado, pois a máquina político-militar de Borges de Medeiros não deixava alternativas para um levante da oposição, com largas chances de vitória, sem uma influência federal na política do Estado³¹.

Em suas memórias, como se viu, Netto afirma que se fizesse um movimento revolucionário no sul, algo que seria determinante para uma ação federal nos problemas locais. Mas, diferentemente do velho caudilho, um dos principais líderes dos libertadores e seu chefe hierárquico, João Batista Lusardo³² traz uma diferente ideia sobre a possibilidade de uma intervenção no Estado. Lusardo, em depoimento ao seu biógrafo, Glauco Carneiro, mostra que a ideia de Netto não condiz com a veracidade dos fatos. Em seu depoimento, Lusardo afirma que, durante uma reunião entre o chefe dos libertadores Assis Brasil, e o Presidente da República, Arthur Bernardes, qualquer tentativa de buscar uma intervenção federal no Estado estaria fadada ao fracasso, em virtude da falta de um plano político que sustentasse tal medida.

Assis falou em revolução, sim, e do que pretendia fazer a oposição. Bernardes queria saber dos planos e dos meios para efetivá-la, “queria saber até onde poderia embarcar no barco revolucionário. Queria saber com que elementos Assis Brasil contava para o movimento, até onde o Rio Grande participaria dele e, se vitorioso, qual a solidariedade previsível do Estado para com o presidente da República”.

_ Com que meios o senhor conta para um movimento desses? Quais os elementos para dar margem a uma intervenção da minha parte? Que armas o senhor Possui? Com que poderes militares conta o senhor?

Então Assis respondeu:

_ Presidente, o povo do Rio Grande do Sul está revoltado, o que o Borges acaba de fazer acirrou ainda mais os ânimos: o Rio Grande hoje é um vulcão. E, pela força inerente das coisas, dos acontecimentos sociais, a explosão virá, terá que vir... Narrou Afrânio de Melo Franco que Bernardes passou da surpresa à estupefação. Esfriou a conversa mas pensou para si e transmitiu ao amigo depois: “Não, esse homem está no mundo da lua... Não entra em detalhes, não menciona elementos com que poderia contar, não me acena com dado positivo algum e vem me falar de força imanente. Ora vá...” (CARNEIRO, 1977, p.135).

Dessa forma, fica claro que um ataque a Pelotas até poderia chamar a atenção do general Setembrino de Carvalho, com estada em Porto Alegre, mas não surtiu efeito pretendido, como conta a biografia de Lusardo. Netto apenas analisou na dissidência política entre o Presidente do Estado Borges de Medeiros, com o Presidente da República Arthur Bernardes, mas não avaliou o que poderia ocorrer para o Estado um pedido de intervenção. Mas um importante

³¹Tanto Assis Brasil quanto Borges de Medeiros tentaram a intervenção do Presidente da República no Conflito. As esperanças eram maiores para Assis Brasil, pois na eleição presidencial, o Rio Grande do Sul através de seu Presidente Borges de Medeiros, apoiou Nilo Peçanha, candidato derrotado por Arthur Bernardes. Mas o Presidente da República resolveu utilizar a neutralidade e não intervir na Revolução de 1923 (FRANCO, 1996; FÉLIX, 1996).

³² João Batista Lusardo (Uruguaiana, 1892 - Porto Alegre, 1982). Médico, advogado e político brasileiro.

aspecto ficou claro na narrativa de Lusardo, quando Bernardes acionou a possibilidade dessa intervenção, se pelo menos houvesse um plano estruturado e uma total planificação com outros apoios políticos, ou seja, o Rio Grande do Sul poderia ter sofrido um golpe.

A conquista de Pelotas trouxe para Netto uma imagem mítica no imaginário do povo pelotense no decorrer do século XX. Para uns, era a imagem do bandoleiro, do desordeiro, do bandido temido que aterrorizou Pelotas. Na visão de outros, Netto era a figura do herói libertador, que transformou a cidade naquela manhã do dia 29 de outubro de 1923. Para a construção dessa imagem mítica, o folclore popular teve grande importância, mas foi pelas páginas dos jornais de Pelotas que se construiu uma imagem singular sobre seu nome. Carlo Ginzburg traz uma importante definição para o fenômeno do mito:

[...] Falamos com frequência de “mitos”, seja no sentido genérico, seja no sentido específico. [...] sem hesitar, aplicamos o termo “mito” a fenômenos muito distantes no tempo e no espaço. [...] os mitos sustentou-se, não existiam; o que existiu foi mitologia, um discurso agressivo feito em nome da razão contra um saber tradicional indeterminado (GINZBURG, 2009, p.42).

Na perspectiva de Carlo Ginzburg, podemos analisar que esse afastamento de observação do mito, que se sustenta através de um imaginário distante, traz aos dias atuais lembranças de Netto, sujeito principal da tomada de Pelotas. Essa imagem mítica de Zeca Netto já permeava o imaginário local antes da invasão do dia 29. Sua história militar e seus atos como sujeito atuante em batalhas eram recheados com qualidades indelévels. Nos meses anteriores a Outubro de 1923, o que mais se ouvia na cidade era a expressão: “é hoje que o Netto entra”.

Esse temor da vinda do bandoleiro resignou a população de Pelotas para a sua vinda. Em sua obra sobre a conquista de Pelotas, Caldas (1995) traz um verso publicado nas páginas do jornal O Rebate, mostrando o que representava a figura do caudilho para os pelotenses.

Ó ZECA NÃO VENHAS
 Ó Zeca Não sejas mau
 Não sejas mesmo malvado
 Não vês que só o teu nome
 Nos deixa muito...apertados?
 Pois se tu nem mesmo pretendes
 Dar um pulo até a Princesa,
 Para que então nos obrigas
 A mostrar nossa braveza?
 Ó Netto tu nem imaginas
 O que custa a mangação:
 Fora os choros e chilikues,

E o consumo de... sabão.
 Que as fábricas do dito querem
 Mandar erigir-te um busto
 Como juz ao grande lucro
 Que lhes dás com o teu...susto
 Agora, Zecca não rias
 Da minha franqueza rude
 A vida está muito cara
 Que mal chega para o grude
 Assim não mais te mexas
 Do Camaquã pelas margens
 Porque nos custa mui caro
 O sabão para as lavagens.³³

O poema satírico mostra o que permeavam nas páginas do jornal opositor, através de uma originalidade bem construída, mas repleta de significados, que se adequavam ao imaginário local pré-invasão do dia 29 de outubro de 1923.



Figura7. Netto cortejado pela população durante a saída da prefeitura de Pelotas. Fonte: IHGPEL.

³³ Jornal O Rebate, 01 de Agosto de 1923.

Se a imagem de Netto era associada a demonstrações de bravura e qualidades morais indelévels, através dos jornais opositores ao governo o mesmo não acontecia. Através das páginas do jornal “Diário Popular”, de forte ligação ao governo local e estadual, via a figura de Zeca Netto como um vândalo, um desordeiro, um líder que tentava produzir anarquia na região sul do Estado. Muitas vezes o jornal detratava a imagem de Netto com apelidos pejorativos à sua imagem de caudilho e veterano da Revolução de 1893. “Zeca veado”, “Jockey de Camaquã” e “Zeca zorrilho” eram algumas das conotações pejorativas aplicadas a Netto (BRITTO, 2007, p. 86).

Com forte vínculo com o jornal “A Federação” de Porto Alegre, o “Diário Popular” tentava mostrar que a entrada das forças libertadoras na cidade não foi um fenômeno que merecesse qualquer preocupação dos pelotenses. Esse periódico tentava mascarar a perda do município para as forças de Netto, durante as doze horas de ocupação. Seus editoriais, sempre carregados de ações de heroísmos das forças locais, tentavam ludibriar os leitores, afirmando que as forças locais expulsaram os bandoleiros, o que não se justificava nas ruas da cidade, nem pela perda da prefeitura através da ata de conquista. Numa reportagem especial sobre a tomada de Pelotas, o editor do “Diário Popular” demonstra seus singelos agradecimentos às forças locais que se opuseram às tropas de Netto. Ao final do artigo, fica exposta a ideologia desse periódico pelotense.

É-me grato louvar e agradecer a todos os Srs. Officiaes, inferiores e praças do 1 Corpo provisório, que tomaram parte no combate que venho de mencionar, pelo valor, amor, dedicação a causa da legalidade perturbada pela horda de bandoleiros ambiciosos e despeitados, que não procuraram senão semear o luto e a desgraça no seio da família rio-grandense. Pois esse valor, essa bravura, já tendes tantas vezes, demonstrado com applausos e admiração e mais uma vez viestes confirmar a distinta população pelotense que admira e applaude vossa bravura.

Viva a República

Viva o Rio Grande do Sul

Viva o governo legal

Viva o Dr. Borges de Medeiros (DIÁRIO POPULAR, 04-11-1923).

O jornal “A Opinião Pública”, autorizado pelo comitê Pró-Assis Brasil, aconselhava a população a ter tranquilidade frente aos acontecimentos, assegurando que a ordem não seria alterada, de acordo com os elevados propósitos das forças libertadoras, como nas cidades vizinhas de Canguçu e de Piratini, que estavam sob o comando do general Zeca Netto. Esse fator retirava as forças revolucionárias da temeridade da população pelotense, e passava uma imagem à imprensa situacionista de estar censurando os “verdadeiros” fatos (BRITTO, 2007, p.94).

Ao analisar essas fontes periódicas locais, foi necessária uma observação em conjunto dos quatro jornais e suas relações políticas determinantes nesse período. Todos esses jornais estavam repletos de idealismos em suas reportagens, construindo, assim, um emaranhado de informações desconcertantes sobre os fatos ocorridos no dia 29 de Outubro de 1923. No entanto, os jornais são fontes para um trabalho detalhado, com um objeto circunscrito em pequena escala de observação. Sendo assim:

O jornal possui toda uma série de qualidades peculiares, extremamente úteis para a pesquisa histórica. Uma delas é a periodicidade: os jornais constituem-se em verdadeiros “arquivos do cotidiano”, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. Outra é a disposição espacial da informação, que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo. E outro aspecto singular do material jornalístico é o tipo de censura sofrida, pois a imprensa recebe apenas a censura instantânea e imediata, diferentemente de outras fontes que poderão ser submetidas a uma triagem antes de serem arquivadas (ESPIG, 1998, p.274).

Essa periodização dos jornais torna-se importantíssima para analisar os meandros políticos entre os quatro jornais pelotenses, que tiveram grande participação para construir o que permeou o dia 29 de outubro de 1923. A atuação de Zeca Netto na conquista de Pelotas foi singular. O velho líder libertador foi figura partícipe dos objetivos de Assis Brasil na zona Sul do Estado.

Retornando à análise, a manhã do dia 29 de Outubro de 1923 chegava ao seu fim com a cidade ocupada pelas tropas de Netto. Ao sair da prefeitura de Pelotas, Netto era cercado por uma multidão de simpatizantes. A cidade deixava de ter relações com o PRR de Medeiros e entrava na dicotomia dos libertadores com o comitê pró-Assis Brasil, liderado por Edmundo Berchon e Emílio Nunes.

Alguns meses antes da invasão de Pelotas, o líder do PRR, coronel Pedro Osório, contactou Netto, pedindo-lhe que suspendesse a ideia de entrar na cidade. Mesmo não obtendo sucesso, Osório conseguiu manter-se salvo das investidas dos libertadores, ficando em uma espécie de prisão domiciliar, ordenada por Netto durante a ocupação da cidade. Netto tentou cumprir o pedido de seu amigo para que não houvesse derramamento de sangue desnecessário, nem saques à cidade, o que foi atendido pelo general (ABUCHAIM, 2013, p.195). Entretanto, a própria estância de Osório quase foi saqueada pelas forças libertadoras. Um relato de Cristiane Zibetti, bisneta de um irmão de Pedro Osório, mostra o risco que sua família correu:

Segundo contava minha mãe, Sra. Florinda Gonçalves Pereira, sobrinha-neta do coronel Pedro Osório, a Fazenda Paraíso, de propriedade do coronel, seria saqueada pelas tropas do coronel Zeca Netto. O Sr. Pedro Gonçalves (pai de minha mãe), que era o administrador da Estância Paraíso, usou uma estratégia inteligente. Esperou e recebeu as tropas como se fossem visitantes e não invasores. Mandou preparar um churrasco, muita comida e alimentou toda a tropa de Zeca Netto, sendo cordial com todos. Ao deixarem a Estância, o chefe da tropa o Sr. Zeca Netto, agradeceu a acolhida e foi embora sem levar nada, mas colocou ao avô Pedro que a intenção do bando era saquear a Estância, levar todos os cavalos e comida que pudessem carregar. Mas como foram bem recebidos como amigos não levariam nada. Agradeceu e partiram (ZIBETTI apud ABUCHAIM, 2013, p.194).

Ao telegrafar ao Presidente do Estado, Borges de Medeiros, dando-lhe a notícia da conquista do município, Netto correu um sério risco de se defrontar com as forças da Brigada Militar do Estado, principalmente a legião chefiada por Flores da Cunha, o que acabou não acontecendo, pois as primeiras forças estaduais só chegaram três dias após a rendição da cidade. De alguma forma, Netto tinha informações precisas sobre o contingente policial da cidade, sua entrada deu-se num momento estratégico, quando as forças da 3º Brigada Provisória, comandada pelo coronel Juvêncio Lemos, estava indo em direção ao Oeste do Estado para combater o “leão de Caverá”. Portanto, a cidade estava desguarnecida de sua principal força.

A neutralidade da guarnição do exército perante a invasão de Pelotas mostra que a reunião entre Assis Brasil e o Presidente da República poderia ter surtido algum efeito para a entrada das tropas de Netto em Pelotas. O major Arthur Cantalice apenas coordenou o teatro de batalha numa zona onde as áreas preponderantes da cidade estivessem a salvo. Estranhamente, o major também tinha boas relações com Netto. Cantalice visitou o general libertador em seu acampamento, duas semanas após a conquista de Pelotas.

Portanto, no decorrer da manhã do dia 29 de outubro de 1923, Pelotas estava no centro das atenções do governo Estadual. O município perdia sua hegemonia político-administrativa. No decorrer das próximas horas, Pelotas passará por outros duelos entre as forças locais e os libertadores, mas com ênfase nos bastidores políticos de uma intrincada relação entre Zeca Netto, o líder do PRR, coronel Pedro Osório, e as lideranças locais do comitê de Assis Brasil no município.

No dia posterior a invasão de Pelotas o jornal O Rebate mostrava, em sua capa, uma reportagem especial, salientando o feito realizado pelos libertadores. Nessa reportagem é salientada a importância da invasão de Pelotas para a oposição política local ao PRR. Para o periódico a invasão assim foi realizada:

Pelotas teve, ontem, o dia mais glorioso de sua existência! Viveu a honra mais feliz de sua vida de povo livre. Teve a maior das consagrações, ao receber em seu seio a vitória dos libertadores que obedecem ao commando do excelso general Zeca Netto_ Esse velhinho Legendário, que no ultimo quartel de vida, oferece à geração que passa, estupendos exemplos de bravura e civismo. Quando a escravaria branca, mordendo o pó do despeito buzinava (urbi et orbi) que o heróico Condor dos Tapes, era um homem morto para a causa sacrossanta que abraçara; quando o consideravam destruído e reduzido a 60 homens dizendo que andara de porta em porta chorando as suas desgraças e o seu arrependimento, ao ponto de emigrar para a República do Uruguay; quando o conceito dos serviçais do dictador, o invencível libertador gaúcho estava moralmente morto e materialmente esmagado para sempre_ Eis o que, como a phoenix lendária, ressurgue das próprias cinzas em que os dictadorias o haviam sepultado, para cair de chofre, como uma bomba d'água fria na fervura no entusiasmo chimanguista. Aparecendo em carne e osso, robusto e forte, altaneiro e bravo (O REBATE, 30-10-1923).

A reportagem do periódico demonstra não só uma visão particular da invasão da cidade pelas tropas de Netto, mas também, define claramente sua posição a favor da invasão. Nessa reportagem fica explícita a comparação da elite pelotense contrária aos ideais dos invasores. Elite esta que mantinha no poder local um político do PRR que vinha sendo alterado sucessivamente no comanda da cidade, desde a tomada do governo do Estado por Julio de Castilhos.

Outra questão relevante dessa reportagem é uma crítica ao periódico Diário Popular, que mostrava em suas páginas um possível recuo das tropas de Netto para o Uruguai, e com isso, a invasão de Pelotas não ocorreria, segundo o jornal. De fato, ao analisar os fatos posteriores à invasão da cidade, as noticias do Diário Popular não se concretizaram, e a cidade foi invadida pelas tropas libertadoras de Netto.



Figura 08. Jornal O Rebate. Fonte: Biblioteca Pública Pelotense.

É interessante analisar o já citado jornal, O Diário Popular, quanto à invasão de Pelotas pelas tropas de Netto. Para essa comparação foi utilizado um exemplar do dia posterior à invasão, assim como foi feito com o jornal opositorista O Rebate. Dessa forma, segundo o Diário Popular, a invasão assim aconteceu:

Foi com a mais viva das emoções, que a população honesta de Pelotas acompanhou o desenrolar dos bárbaros acontecimentos da manhã de 29. Todas as atenções se

voltavam, entretanto, para dois pontos; para o 1 posto policial e para o 1 corpo provisório. Dirigindo a defesa da sub-intendência estava a figura admiravelmente espartana de Francisco de Jesus Vernet, e a frente de valorosa força da Brigada aparecia o o vulto excepcional de Aldrovando de Andrade Leão. [...] o inimigo sciente de sua inferioridade moral, sem a coragem que só as grandes causas imprimem aos seus palinuros_ occultou-se, precavidamente, nos edifícios e anteparos circunvizinhos. [...] raro eram aqueles que se aventuravam a combater em plena rua. Entretanto, os defensores da legalidade apresentavam aos seus temporários inimigos, o exemplo mais eloqüente de destemor e de desprendimento deante da morte. [...] mas, os nossos soldados não contentes em expor ali a vida às balas da desordem, abandonaram as suas primitivas posições e foram lutar a peito descoberto, por avançadas e sucessivas, contra o adversário que sedia terreno. [...] ainda a sua gente não chegará ao ponto culminante do ataque, e já os bandoleiros fugiam, espavoridos pelos fundos da casa, à procura dos matos, onde se embrenharam e desapareceram. (DIÁRIO POPULAR, 01-10-1923).

Da mesma forma que o jornal O Rebate, o Diário Popular mostrou sua visão dos fatos da manhã do dia 29 de outubro. Em virtude de seu vínculo político ao PRR, o Diário Popular mostrou as forças locais como tropas destemidas, honradas e vencedoras nas lutas contra os invasores. Uma questão interessante desta reportagem é a legalidade da defesa de Pelotas. Isto se deve diretamente a questões políticas da Revolução de 1923, aonde seus defensores se mostravam como legalistas e mantenedores da ordem do pleito eleitoral de 1922, que, segundo os libertadores, foi fraudado. O Diário Popular, portanto, tratou a invasão de Pelotas como um ato de ilegalidade constitucional e um ato heróico de quem defendeu a cidade contra os invasores.

Por essas linhas do periódico de Pedro Vergara, não só combatia os libertadores de Netto como ressaltava o brio e a valentia dos policiais pelotenses frente à invasão. O vínculo do “Diário Popular” não era apenas com o jornal “A Federação”, ou com o PRR, mas o jornal era propriedade do coronel Pedro Osório, chefe local do PRR. Por essa questão seus editoriais eram sempre permeados de uma ideologia partidária, no qual os bandoleiros eram mostrados como invasores desleais e insurgentes contra a ordem do Estado de Direito perante a Constituição de 1891. Já as forças locais eram retratadas como agentes legais, de uma cidade que se mantinha no “esplendor” da ética administrativa da intendência:

A retratação dos invasores de Netto foi singular para uma interpretação do que era o jornalismo pelotense na época. Um jornalismo ainda com liberdades políticas no qual seus redatores operavam uma série de denúncias, ou calúnias, acerca dos acontecimentos locais, ou contra seus órgãos opositores. Sendo assim, ficou claro que o “Diário Popular” não só usou seus periódicos para proteger sua ideologia política, como também se isolou dos periódicos concorrentes, o que lhe custou danos econômicos em sua época.

Capítulo 3

Pelotas conquistada

3.1 Pelotas Agoniza: a Princesa do Sul “tem um novo Dono”

Por volta das 11h e 30min, o centro da cidade finalmente “cai nas mãos” do libertador. Netto domina o restante das forças locais e coloca “a Princesa do Sul de joelhos em pleno centro da cidade”. Esse fato é narrado por Mário Osório Magalhães, da seguinte maneira:

Zeca Netto, que, junto com seu estado maior, permaneceu todo o tempo no Hotel Colonial, localizado na zona norte (atual Professor Araújo com Padre Felício), ao saber que a Agrícola e a Intendência estavam ocupadas, dirigiu-se então para o centro, acompanhado de grande multidão. A vibração foi maior quando alcançou a Praça Sete de Julho, junto ao mercado: muitas pessoas aproximaram-se dele cortando as franjas do seu poncho com o objetivo de guardar uma lembrança física desse dia, para elas já inesquecível. Depois de Vários discursos, o desfile prosseguiu. [...] chegando afinal ao prédio da Prefeitura. Zeca Netto subiu ao segundo andar e apareceu na sacada acenando para a multidão. Providenciou de imediato a transmissão de telegramas, dirigidos ao Presidente da República, no Rio de Janeiro, ao general Setembrino de Carvalho, em Porto Alegre, e ao dr. Assis Brasil, também no Rio de Janeiro, comunicando a tomada de Pelotas. Em seguida, foi redigida uma ata, oficializando a ocupação da cidade, e hasteou-se a bandeira nacional (MAGALHÃES,2012,p.138-9).

Agora em mãos libertadoras, Pelotas tinha uma nova liderança política, que duraria 12h. Zeca Netto fez sua ocupação simbólica, mas, por outro lado, ao efetuar a sua conquista através de uma ata, notabilizou-se como um dos líderes do município, mesmo que por um tempo breve. Assinaram a ata os seguintes indivíduos:

José Antonio Netto
Boaventura Luiz Pereira da Silva
Nicanor Centeno Crespo
Dário Centeno Crespo
Alzira Piegas de Azevedo
Francisco de Paula Amarante
Alberto Araújo Cunha
Álvaro Eston
Edmundo Berchon Filho
Adolfo Leite Nunes
Irineu Amaral
Anacleto Pirpo
Edmaro Mendonça
Alberto Amaro da Silveira
Emílio Nunes (MOREIRA,s/d,p.09).

As assinaturas na ata de conquista de Pelotas continham uma mescla entre os líderes do estado Maior de Netto, inclusive o mesmo, e o núcleo do comitê pró-Assis Brasil em Pelotas.



Figura 09. Zeca Netto é conduzido por populares em direção a Prefeitura de Pelotas, recém-conquistada. Fonte: Museu Zeca Netto (Camaquã).

A Ata de ocupação de Pelotas é um importante documento que mostra o município como tendo sua conquista pelo general Netto. Esse material evidencia a vitória dos Libertadores sobre a cidade. Na obra de Pedro Henrique Caldas, o mesmo nos trás esse importante documento, que assim se infere:

Aos 29 dias do mês de 1923, entrou, nessa cidade de Pelotas, a Divisão do Sul do Exército Libertador, sob comando do general José de Antônio Netto, ocupando esta cidade militarmente, após alguma resistência. De posse dessa cidade, o general Netto, após passear triunfalmente pelas principais ruas, entrou na intendência municipal, sempre aclamadíssimo e acompanhado por grande massa popular. Durante esse longo trajeto, foi o general coberto por flores, recebendo grandes provas do mais alto apreço, inconfundível carinho. Na Intendência municipal, onde foi lavrada a presente Ata, com assinaturas das pessoas que receberam o general em conferência, foi hasteado pelo bravo guerreiro, o pavilhão nacional. Para firmar, mais uma vez, o grande feito de 29 de outubro, foi lavrada a presente Ata, que por todos foi assinada.

Paço Municipal, em Pelotas, 29 de outubro de 1923 (CALDAS, 1995, p.94).

O pesquisador Caldas também nos trás outro relevante documento, os telegramas enviados a importantes políticos brasileiros acerca da Ata da conquista de Pelotas. Esses políticos são; o Presidente da República, Arthur Bernardes; o general Setembrino de Carvalho e o líder Libertador Assis Brasil. Dessa forma, Caldas nos mostra:

[...] Presidente da República. Rio.

Comunico V. Exa, acabo de entrar na cidade de Pelotas, sendo o exército Libertador aclamadíssimo coberto vitórias, população heróica cidade. Respeitosas saudações. José Antônio Netto.

[...] General Setembrino. Porto Alegre.

Acabo de entrar na cidade de Pelotas, sendo coberto de louros, aplausos vibrantes, povo heróico cavalgada Republicana. Respeitosas saudações José Antônio Netto.

[...] Dr. Assis Brasil, Av. Atlântida, 69. Rio.

Comunico eminente chefe, acabo de entrar na cidade de Pelotas, sendo exército libertador recebido triunfalmente pelo povo heróico. Cavalgada republicana jazendo pressa de guerra opulenta estando magníficas condições. Saudações afetuossíssimas. José Antônio Netto (CALDAS, 1995, p. 93).

Os telegramas enviados por Netto, acima citados, demonstram claramente que o município foi conquistado e tomado pelas forças libertadoras. No final da manhã do dia 29 de outubro de 1923. Seu desfile pelas principais ruas da cidade mostrou sua empatia com a população local, que foi às ruas recebê-lo como um triunfante sobre as forças locais, militares e políticas. Após o desfile das forças libertadoras, Netto dirigiu-se a residência de Edmundo Berchon, um dos principais líderes do comitê pró-Assis Brasil em Pelotas. Esse episódio também deixa claro a influência do comitê na entrada das forças libertadoras na cidade.

Os documentos, tais como a Ata de ocupação da cidade, assim como os telegramas enviados por Netto, ao Presidente da República, ao Presidente do Estado e ao líder libertador Assis Brasil, são fontes que demonstram claros indícios sobre alguns interesses políticos que estavam por trás da conquista da cidade pelos Libertadores. Ao analisar essas fontes documentais, o historiador se depara com a memória coletiva em sua forma científica, ou seja, a história. Para Le Goff (2013), essas fontes podem se apresentar sob duas formas principais: os monumentos, que são a herança do nosso passado, e os documentos, a escolha do historiador perante suas fontes. Ainda assim, para o historiador francês, o monumento é tudo aquilo no qual podemos evocar do passado, ou seja, as recordações e sua perpetuidade e também os atos escritos. Já os documentos são o fundamento de um determinado fato histórico, ainda que resulte da escolha do historiador, ele apresenta-se a si mesmo, como prova histórica. A objetividade do documento se opõe à intencionalidade do monumento. Dessa forma:

A concepção do documento\monumento é, pois, independente da revolução documental, e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução se transforme num derivativo e desvie o historiador de seu dever principal: a crítica ao documento, qualquer que ele seja, enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 2013, p. 494).

Ao analisarmos a Ata de ocupação de Pelotas, fica evidente as relações de poder citadas por Le Goff, onde suas forças eram mantenedoras do poder. No caso da conquista de Pelotas, essas relações de poder não se deram apenas entre as já citadas afinidades de Netto com o comitê pró Assis Brasil em Pelotas, mas também com relação à proximidade de Netto com o agropecuarista e chefe local do PRR, coronel Pedro Osório.

As relações de Zeca Netto com o coronel Pedro Osório eram próximas e amigáveis, desde os tempos que o velho general libertador pertencia às fileiras republicanas de Júlio de Castilhos. Talvez esse seja o motivo para que Netto protegesse Pedro Osório durante a invasão da cidade. Em suas memórias, Netto mostra sua relação amistosa com o coronel Pedro Osório, mas também deixa claro respeitar o poder político do mesmo ao oferecer uma troca de vice-presidente do estado, de acordo com o interesse de Netto e dos libertadores. Segundo a biógrafa do coronel Pedro Osório, Vera Rheingantz Abuchaim, isso fica identificado nas memórias de Netto.

[...] recebo um convite do Cel. Pedro Osório para conferenciarmos. Acedi e, marcando o ponto e dia, ali concorri levando um piquete, que deixei à distância regular da casa onde deveríamos nos encontrar e talvez mudar o destino da revolução. Encontramo-nos, sempre amigos velhos. Me diz Pedro: O que queres para terminar a luta? Respondo-lhe: que o doutor Borges de Medeiros deixe a presidência do Estado, que usurpa. Me diz Pedro: Se ele nomear vice-presidente o Dr. Protásio, satisfará a você? Respondo-lhe: Não, porque o Dr. Protásio será um fantoche nesse cargo, agindo pela ação do Dr. Borges. (NETTO apud ABUCHAIM, 2013, p.195).

Essa relação de proximidade de ambos foi determinante para a segurança do chefe do PRR local. Sua residência foi protegida pelos homens de Netto durante a chegada dos mesmos ao centro de Pelotas no início da manhã. Essa motivação de Zeca Netto é clássica para a historiografia gaúcha, não só em suas memórias, mas igualmente nas obras de: Magalhães (2005; 2011); Caldas (1995), Bento (2003); Moreira (s\d); Crespo (1962) e Filho (1973). Todos confirmam essa hipótese. Entretanto, na biografia do coronel Pedro Osório, escrita por Vera Rheingantz Abuchaim (2013), nos traz uma importante carta de Zeca Netto direcionada a

Osório, na qual o velho general, de maneira obscura, lança um convite para um acerto entre as partes, para evitar que a guerra chegasse ao município. Nessa carta, o que chama mais atenção, é de a mesma ser de 2 de março de 1923, ou seja, 8 meses antes da invasão.

Ilmo Snr. Cel. Pedro Osório

Pelotas

Saudações amistosas. Um pequeno entendimento entre nós dois poderia dar termo a situação anormal que nos achamos e, com uma máxima brevidade, dando a tranqüilidade precisa para podermos colher nos arrozais e atender a todos nossos negócios. Se assim julgardes justo, podeis vir até o passo Pacheco de Camaquam e ali verbalmente nos entendermos.


Abraços do amigo velho

José Antonio Netto.

Costa do Velhaco, 2 de Março de 1923 (ABUCHAIM, 2013, p.194).

Essa carta é um forte indício que a invasão de Pelotas foi planejada com grande antecedência, e suas motivações não eram, como afirmava em suas memórias nem de acordo com a bibliografia sobre o tema, uma questão simbólica. Um fator importante a ser acrescentado é o fato de Netto ter inúmeras terras em Camaquã e também alguns negócios agrícolas. Essa questão torna-se relevante, pois seu “velho amigo”, coronel Pedro Osório, era na época, de acordo com sua biógrafa, um dos maiores orizicultores do mundo.

Sábado, 14 de abril de 2007

IHGPEL 

Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas

Carta dirigida a Zeca Netto
(Cópia cedida por LUIZ MORO)

EMILIO NUNES

Caixa Postal, 10

Pelotas, 27 de outubro de 1923.-

Prezadissimo Amigo Sr. General Netto,

Julgamos chegado o momento dos grandes golpes, capazes de nos assegurarem a victoria. Como é de seu conhecimento, o ministro da guerra está ouvindo os nossos chefes militares, mas de ante-mão sabemos que as instrucções que lhe deu o presidente Borbardos esbarram todas na renuncia do usurpador, o que para nós é condição essencial para a effectivação de qualquer accordo, sabendo bem que é esse o seu critério, e que está firmemente disposto a não apeiar do cavallo enquanto o dictador não descer do palácio, nos animamos a fazer-lhe um caloroso appello, convencidos de que, n'este instante decisivo, os que estão jogando os destinos de nossa terra, um lance de audácia, servindo para mais ainda elevar o seu nome já tão illustre, impressionaria fortemente o espirito do ministro e serviria talvez para que elle se sobrepuzesse ao animo fraco do presidente.

Tendo em consideração os elementos de que dispõe aqui o borgismo, poucos e desmoralizados, a conhecida fraqueza da columna do Juvêncio, que os seus valentes soldados acabam de fazer morder o pó da derrota, na serra dos Marcolinos; o desguarnecimento actual da cidade de Bagé, ameaçada por forças do invicto Honório Lemos; attentando para tudo isso, pensamos que seria muito viável um ataque immediato a Pelotas, com as melhores probabilidades de um completo êxito. Hontem lhe remettemos 13.000 tiros Mauzer e 2.000 Winchester e outros typos, pelo piquete do Firmino d Doca, sendo que 2000 foram para a estação Bazilio.

Temos ainda aqui, podendo remette-los a cada momento, 10.000 cartuchos Mauzer e 5.000 Winchester, assim como 35 fuzis Mauzer, 40 bombas de mão e uma quantidade de revolvers. Pedimos licença para dizer que, si o General expedisse ordens severas no sentido de se fazerem grandes estragos na Estrada de Ferro, no espaço de uma noite conseguisse illudir Juvêncio, mandando



GENERAL Zeta Netto

que o General rumara para Cacimbinhas e emprehendesse marcha forçada para cá, de modo a vir surpreender a cidade pela madrugada, com o auxilio que cá de dentro poderíamos dar, provocando o panico com os elementos de que podemos dispor, Pelotas poderá ser tomada, e de posse d'ella não nos hão de faltar recursos para conserva-la. Á sua grande perspicácia deixamos o ajuzar das immensas vantagens que esse triumpho traria á nossa santa causa. Claro é que o desenvolvimento do plano acima fica de todo entregue á sua proficiência, que tanto nos orgulha.

Parece-nos que isso não será uma aventura inconteste; entretanto, de ante-mão deixamos ao seu seguro critério a aceitação ou recusa de nossa idea. Apenas, pedimos que, pelo próprio portador nos dê uma resposta, indicando pontos a branco de reconhecimento para pessoas que tenham de receber as suas ordens e transmitir os nossos avisos.

Acabamos de saber que Juvêncio está na villa de Piratini, de onde telegraphou ao Chimango, dizendo que a sua força precisa uns dias de descanso para se repor.

Os nossos companheiros Souza Soares e drs. Urbano e Simões seguiram para Porto Alegre, ao encontro do ministro e o nosso chefe dr. Berchom está muito preocupado com o delicado estado de saúde de sua velha Mãe, por cujo motivo deixou de ir também á capital.

Cumpre dizer que a Junta Suprema julga ponto capital a occupação de Pelotas e, particularmente o dr. A. Varella manifestou-se no mesmo sentido.

Anciosos pela sua resolução subscrevemos com profunda admiração e apreço

Companheiros e amigos



Figura 10. Carta dirigida a Zeca Netto. Fonte: IHGPEL.

A carta dirigida a Zeca Netto, enviada pelo comitê pró Assis Brasil em Pelotas, é uma fonte considerável para “colocar em cheque” o que a historiografia sobre a conquista de Pelotas fala sobre a ação de Netto, que enfatiza a ideia da tomada de Pelotas ter partido exclusivamente de Zeca Netto. De acordo com a carta, foram as lideranças assistidas no

município que ofereceram ao velho caudilho a opção de invasão da cidade, destacando, inclusive, ter chegado “o momento dos grandes golpes”. O que fica mais evidente nessa questão é o fato desta carta ser da data de 27 de outubro de 1923, ou seja, dois dias antes da invasão de Pelotas pelos libertadores.

Outro fator importante na carta é a menção ao fato das principais lideranças policiais da cidade estarem se retirando do município para combater Honório Lemes, no oeste gaúcho. Essa informação foi basilar para que as tropas de Netto invadissem o município na madrugada do dia 29 de outubro de 1923. Essa informação sigilosa foi enviada pelo comitê local dos libertadores, dando grande margem de vitória aos invasores. Uma questão que não fica clara na carta é quando menciona que a cidade quando se tornasse de posse dos libertadores, havia recursos para que ela se mantivesse sob controle dos libertadores, após chamar a atenção do ministro da guerra Setembrino de Carvalho.

Por fim, a carta demonstra que também existia ramificações fora de Pelotas para que a mesma fosse ocupada, isso fica evidente na citação ao historiador da Revolução Farroupilha, Alfredo Varela, que também fazia parte das causas libertadoras. Em comparação com o armamento mencionado na carta, que seria entregue às tropas de Netto (Caldas, 1995), mostra detalhadamente o que o mesmo chama de a “presa de guerra”, ou seja, uma quantia em dinheiro de aproximadamente 248 contos e novecentos mil réis, e quanto ao armamento apreendido das forças locais, estão:

1 metralhadora do avião do Antônio Chimango
 127 bombas de mão
 10 pistolas mauser
 130 cartucheiras
 102 pares de arreios
 1000 balas de revólver 44
 2 cavalos de montaria
 300 fuzis mauser
 80 armas comblainmannlincher
 85 revólveres de diversos calibres
 180 facões e sabres
 35 espadas
 47000 projeteis em cartuchos
 100 cavalos de estrebarias
 grande quantidade de dinamite (CALDAS, 1995, p.95).

Esses dados mostram o poderio das tropas de Netto ao fim da conquista da cidade. Como foi mencionado na carta a Netto, não faltariam condições de a cidade permanecer em suas “mãos”. Na obra “Zeca Netto e a conquista de Pelotas”, Caldas trás uma importante informação acerca dos bastidores da conquista de Pelotas. Após a cidade ser conquistada, e

nas primeiras horas da tarde do dia 29 de outubro de 1923, Netto recebeu uma série de lideranças simpatizantes à causa libertadora, dentre elas estava o major Arthur Cantalice, comandante do 9º. BC em Pelotas. Este fato, por si só, pode revelar em tese o fato de a guarnição federal promover sua neutralidade durante a invasão de Pelotas. Segundo o autor do livro, após a tomada de Pelotas, saíram do quartel do exército local cerca de 150 homens fortemente armados para analisar a situação da cidade e manter a “ordem”, mas sem que as tropas de Netto fossem averiguadas.



Figura 11. Tropas de Zeca Netto após a conquista de Pelotas. Fonte: IHGPEL.

3.2 Um Entardecer sob Chamas.

O período da tarde do dia 29 de outubro de 1923 foi crucial para o destino da cidade. Após ter conquistado a cidade e se reunir com as principais lideranças de oposição ao PRR em Pelotas, Zeca Netto retornou às ruas para mostrar a população local que o mesmo era o líder político da cidade.

A aceitação pública de Zeca Netto demonstra mais uma vez que o ambiente pós-conquista não deixara nenhum rastro de violência, e nem mesmo uma população coagida perante um inimigo externo. Ao contrário disso, pela obra analisada de Magalhães, fica clara a aceitação da tomada de Pelotas pelos libertadores por uma grande parte da população local. Dessa forma, pode-se constatar que as lideranças locais do PRR não tinham grande prestígio no “grosso” da população. Já a elite local ficara dividida entre os pró-libertadores e os situacionistas do PRR. A situação da cidade nas primeiras horas da tarde fica bem definida nas páginas do Jornal da Manhã:

[...] as 13horas, passava o general revolucionário e sua comitiva pela rua General Andrade Neves, parando em frente à redação do nosso colega “O Rebate”, sendo aquelle chefe saudado pelo respectivo redator, Sr. Ferdinando Trebbi. Foram erguidos muitos vivas aos revolucionários. [...] guando desfilavam pelas ruas da cidade o general Zeca Netto, seus oficiais e soldados, numerosas famílias acorriam às janelas, dando-lhes vivas e testemunhando-lhes varias outras demonstrações de júbilo e carinho (JORNAL DA TARDE, 30 DE OUTUBRO DE 1923).

Em contrapartida às festividades da tomada de Pelotas, houve paralelamente a isso uma forte concentração médica para cuidar dos feridos em combate. Não só os hospitais locais, mas também a Cruz Vermelha Libertadora, um órgão de saúde criado para auxiliar os hospitais durante os conflitos, teve importância fundamental na tarde do dia 29 de outubro de 1923. Assim sendo:

Um local alternativo de socorro médico foi o hospital da cruz vermelha libertadora. Instalado na Rua Gal. Vitorino (Anchieta), 262, consistia, na verdade, num bem equipado ambulatório de primeiros socorros e pequenas intervenções cirúrgicas. Jovens voluntárias pertencentes a ilustres famílias da facção assistista, vestiram os brancos uniformes e colaboraram como atendentes e enfermeiras. A inauguração do hospital no dia 21 de outubro, ou seja, oito dias antes da invasão, comprova que os libertadores pelotenses sabiam próximo o dia “D” e preparavam-se para fazer frente às fatalidades (CALDAS, 1995, p.102).

Mas uma vez, Caldas nos trás outro forte indício acerca da invasão dos libertadores. Ao mostrar a data da construção do hospital, ou seja, oito dias antes da invasão do município, fica evidente que não só os membros do comitê pró Assis Brasil, mas também alguns membros da elite pelotense, tornaram-se voluntários no hospital da cruz vermelha. De fato, a evidência de ajuda dos pró-libertadores pelotenses demonstra que Netto não teve em suas motivações políticas o único fator determinante para essa escala em Pelotas.

No início da tarde, apesar de a cidade já estar de posse dos libertadores, deu-se a morte do vice-intendente do município, Francisco de Jesus Verneti. O mesmo foi ferido por um

adolescente de 15 anos, com indicação de ser um membro dos libertadores. Nesse momento, foi hasteada uma bandeira branca dos governistas em Pelotas para pedir trégua no combate e, com isso, transportar Verneti para o hospital de Beneficência Portuguesa (BENTO, 2003, p.161). A morte do vice-intendente do município demonstra que, apesar da cidade já estar em mãos dos libertadores, ainda existia alguns combates pelas ruas. Essas batalhas no início da tarde demonstraram as últimas tentativas da defesa de Pelotas contra a conquista da cidade. Por isso:

Em caminho pela Rua Paissandu foi feita uma descarga na direção do General Zeca Netto partido de um Posto Policial (no atual albergue noturno, rua Padre Felício). Esse foi atacado e respondeu com violento fogo, sob a proteção de um muro muito alto. Aí Zeca Netto blefou com ordem para incendiá-lo. Um popular ouvindo isso correu para avisar os defensores do posto dizendo que se entregassem senão morreriam queimados. E os defensores gritaram, segundo ainda Zeca Netto: “ Se nos garantem as vidas nos entregamos”. E entregaram-se, sendo recolhidas as suas armas e depois colocados em liberdade. [...] removida essa resistência, o General Zeca Netto rumou para a Intendência, sendo aclamado por onde passava e em delírio na Praça da República (atual Pedro Osório), onde foi recebido com discursos (BENTO, 2003, p.166).

Pelas pesquisas de Bento, também fica evidente que, apesar da cidade já estar em mãos dos libertadores no início da tarde do dia 29 de outubro, a cidade sempre teve focos de resistência contra os libertadores. Dessa forma, o número de mortos e feridos ampliou constantemente durante a estada dos libertadores em Pelotas.

Tabela 1

FERIDOS	MORTOS
Tenente Osório Porciúncula	Maj. Manoel Batista Gomes
Alferes Saturnino Costa	Maj. Aldrovando de Andrade Leão
José Aparício Santos	Alferes Henrique de Andrade Leão
Manuel Galdino da Rosa	Alferes Elias Utaliz Ebarres
Capitão Josino Brasil	Tem. Francisco de Jesus Verneti
Aristides Cezário	Arthur Araújo
Tem. Paulo Sady Azambuja	Luis Oliveira
Gomercindo Bueno	Gregoriano Pinto
Manoel Assumpção	Salustino Rossini
Antônio Guidirisch	Obs: 11 não identificados
Tem. Col. Felipe Conca	

Anaurolino Escobar	
Cabo Pedro Camargo	
Osório Martins	
João Tacques	
Joaquim Lopes Cavalheiro	
Tem. Egydio da Rosa	
Salvador Pedro Araújo	
Cap. Nicodemmus Scherer	
Sérgio Mattos	
Alcides Oliveira	
Octávio Araújo	
Gabriel Rondina	
Alcides Gomes	
José Fadini	
Solon Soares	
Armando Soares	
Nilo Amaral Quadrado	
Lourival da Rosa	
Athanagildo Macedo	
Altino Porto Alegre	
Álvaro Maurell	
Tem. Álvaro Escobar	
Sarg. João Moraes	
Sarg. José Fagundes	
Euzébio Garcia	
Hermínio Santos	
Jacinto Medeiros	
Lourival Ramos	
Joãodos Santos	
Theocrito Delgado	
Izolina Vargas	
Mariana A. Pereira	
Mariana Paladini	
Lourival Farias	
Manoel Ferreira	

Obs: 11 Não identificados	
---------------------------	--

Fonte: CALDAS, Pedro Henrique. **Zeca Netto & a Conquista de Pelotas**. Porto Alegre: AST, 1995.

Para o povo pelotense, a estada dos libertadores, apesar dos mesmos conquistarem a cidade, nunca ofereceu uma imagem de desordeiros. Por mais que o periódico local, o Diário Popular, tenha difamado os libertadores, estes permaneciam como benéficos na ótica da grande parte dos pelotenses. Apesar dos assaltos visando arrecadar fundos para os libertadores, essa questão foi considerada como uma necessidade perante a força do PRR durante a revolução. Dessa forma, os libertadores expropriaram de alguma forma a cidade, buscando abastecer para vencer os combates, já que as forças governistas estavam em situação melhor em comparação aos libertadores. Portanto:

O próprio termo “expropriação” foi, na verdade, menos um eufemismo para assaltos à mão armada quanto um reflexo de uma confusão caracteristicamente anarquista entre motim e rebelião, entre crime e revolução, que não só considerava o quadrilheiro como um insurreto legitimamente libertário, como também via atividades simples, como pilhagem, como um passo rumo à expropriação espontânea da burguesia pelos oprimidos (HOBSBAWM, 2010, p.146).

De fato, a análise de Hobsbawm é peculiar à situação de Pelotas no entardecer do dia 29 de outubro de 1923. A expropriação da cidade também visava os oprimidos, mas os oprimidos politicamente contrários ao governo borgista no Estado. Sendo assim, essa expropriação foi tolerada pelos opositores do PRR na cidade. A questão dos invasores no município foi fortemente influenciada pelos jornais locais, no qual os invasores ou eram retratados como heróis libertadores, ou como bandoleiros invasores (BRITO, 2007. p. 84). A influência da imprensa local foi primordial para não só a invasão da cidade, mas também para a manutenção da mesma nas “mãos” dos invasores, pois:

Esta guerra à parte entre a imprensa escrita pelotense, acabou por servir muito bem aos interesses dos revolucionários na região, pois através de informações falsas e uma rede muito bem organizada de boatos (no caso para despistar o inimigo). Além disso, havia os eventos organizados e divulgados para arrecadar fundos que seriam revertidos na compra de armas, munição e mais sortimentos para os revoltosos (basicamente todo o comitê pró Assis Brasil, estava diluído entre os jornais opositores pelotenses (BRITO, 2007, p.87).

Nas pesquisas apresentadas por Brito, havia forte infiltração do Comitê pró Assis Brasil na imprensa local. Esse fato gerou uma série de reportagens tendenciosas através dos periódicos “pró Assisistas” na cidade. Devido a isso, a imagem de Netto tornou-se dicotômica nas páginas dos periódicos pelotenses. “Herói” ou “bandido”, dependendo do critério do

periódico analisado. A questão da influência dos periódicos locais quanto à figura de Netto, já era oriunda há meses precedentes à invasão de Pelotas. Nas páginas do jornal *A Opinião Pública*, de 30 de outubro, ou seja, no dia posterior a invasão de Pelotas, fica clara a influência política sobre o jornal:

O dia de ontem foi um dia de glória para todos aqueles que anseiam por um Rio Grande forte, um Rio Grande integrado em si mesmo e no seio da comunhão nacional. A data de 29 de outubro jamais se apagará da memória de quantos assistiram ao heróico feito desse velhinho glorioso que é o general José Antônio Netto e seus bravos comandados, que mais uma vez provaram o seu inconfundível valor, dia a dia afirmado nas coxilhas. Pelotas teve assim ensejo de testemunhar não só a audácia e o heroísmo como a irrepreensível conduta destes bravos riograndenses, tantas vezes caluniados pelos órgãos da ditadura. Foi uma lição magnífica, o mais esmagador documento de quão mesquinhos são os processos dos adversários, no vão esforço de malsinar os intrépidos libertadores e de mostrá-los ao longe como uma horda de salteadores e de bandidos. Nada mais oportuno, nem mais brilhante do que o feito de ontem. Que bastaram 120 homens para atacar e tomar a segunda maior cidade do Estado (JORNAL A OPINIÃO PÚBLICA, 30 DE OUTUBRO DE 1923).

3.3 E o Terror Veio do Oeste: Um certo Zeca Netto

O líder dos invasores de Pelotas já tinha uma biografia que justificava seu apelido de o “Condor dos Tapes”³⁴. José Antônio Netto³⁵, ou simplesmente Zeca Netto, vinha de uma tradicional família com serviços prestados em várias revoluções. Netto era sobrinho do General Antônio de Souza Netto, herói farroupilha na Guerra dos Farrapos. Por ironia, seu tio também invadiu Pelotas durante a Revolução Farroupilha, episódio pouco difundido pela historiografia regional. Netto fez seus primeiros estudos no colégio de Fernando Ferreira Gomes, em Porto Alegre. Já mais maduro, foi estudar no Rio de Janeiro no colégio Barão de Taupheus. Ali fez seus estudos preparativos para a escola de engenharia do Exército, a qual cursou por breve período de 1º ano (CALDAS, 1995, p.19).

Sua estada no Rio de Janeiro despertou-lhe o gosto pela política. Mesmo estando no período Imperial, o jovem Netto ingressou no Partido Republicano (PR) mais tarde no seu retorno ao Rio Grande do Sul, Netto ingressou no PRR recém-fundado. Com a queda da

³⁴ Ver CALDAS (1995).

³⁵ Homem nascido na cidade de Jaguarão-Chico, em 1854, cidade uruguaia na fronteira com Bagé, mas com estreita relação com a história de Pelotas durante a República Velha. O general libertário de 1923 tinha raízes castilhistas, pois em 1872, na cidade do Rio de Janeiro, Zeca Netto, ingressou no Partido Republicano, fundado por Quintino Bocaiúva e Lopes Trovão. Netto inclusive foi nomeado como interventor na cidade de Camaquã por Julio de Castilhos. Para o autor, ao lutar na Revolução Federalista de 1893-95, Netto conquistou a amizade do futuro chefe republicano em Pelotas, cel. Pedro Osório, futuramente, inimigo na Revolução de 1923. O rompimento de Netto com o PRR deu-se em 1923, durante o golpe político de Medeiros, o que veio a lhe conferir seu quinto mandato como Presidente do Estado. Ver CALDAS (1995).

República (1889) Netto adere fielmente à política castilhista de acordo com seu diário escrito no período final de sua vida:

O Dr. Júlio de Castilhos, doutrinando pelas colunas do órgão do Partido Republicano, era o grande orientador desse partido, do qual foi chefe até seus últimos dias de vida. Fui, por sua indicação, nomeado membro, para gerir os destinos do Município de S. João Batista de Camaquã, onde residia e agora resido. [...] a Assembléia estadual que elaborou a Constituição também elegeu o Dr. Júlio P. de Castilhos para Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Nessa Ocasão fui nomeado delegado de Polícia (FRANCO, 2003, p.21).

Nos diários, a construção da narrativa obedece à questão da memória. O sujeito é norteado por suas vivências e lembranças, as quais, posteriormente tornam-se reflexões subjetivas das suas experiências. Para relatar, o diarista deve primeiramente mapear os temas que irá narrar e conseqüentemente analisá-los como atos de memória – seus redutos de expressão de sensibilidades – e através de seus traços compreender a vida do seu dia a dia (CUNHA, 2011). A importância da memória para narrar os acontecimentos num diário e também a sua complexidade político ideológica fica esclarecida por Jacques Le Goff:

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornando-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2006, p. 372).

As estruturas de narrativas dos diários possuem, certamente, sua predileção pelo fazer reinterpretações da narrativa, buscando singularidades do diarista com aspectos externos a sua vivência, como por exemplo, o mundo político que está inserido. Sendo este tipo de texto, um bom exemplo de narrativa de subjetivação, o diarista acaba também por montar uma rica reconfiguração de si mesmo, confrontando com o universo que o rodeia e que lhe insere subjetivamente. O trabalho do historiador perante este tipo de fonte merece uma reflexão atenta. Maria Tereza cunha assim define:

[...] deve primeiramente mapear os temas tratados e, depois, analisá-los como “atos de memória”, redutos de expressão de sensibilidades, que, mesmo em seus traços descontínuos, foram modos de fazer e compreender a vida a dia. [...] cabe, portanto, ao historiador problematizar o registro dessa memória individual, na qual o diário é ancorado, como alicerce para o estudo de experiências coletivas. Na escrita do diário confluem o individual e o familiar e a memória que se cria pode ser analisada como uma memória que também comporta o pertencimento a um grupo e, como tal, pode ser tratada como uma forma de memória coletiva. (CUNHA, 2011, p. 259).

As memórias de Zeca Netto – escritas em 1948, mas transcorridas em livro pelo historiador Sergio da Costa Franco em 1978 – refletem uma visão geral sobre toda sua vida política e militar. Em suas Memórias, Netto transmite ao leitor todo seu pensamento e suas ideias acerca da política gaúcha e sua relação intrínseca com alguns episódios nos quais teve participação.

Zeca Netto sempre teve fortes relações com a cidade de Camaquã. Desde sua nomeação como chefe de polícia local, posteriormente essa cidade foi escolhida como “quartel general” de suas investidas militares durante a Revolução de 1923. Camaquã se tornou seu domicílio durante seus últimos anos de vida. Por mais que o velho General tenha nutrido grande simpatia pelo município, suas origens eram do Pampa gaúcho. Para o historiador camaquense Lopes (2003, p.18), Zeca Netto, como comandante da divisão sul dos revolucionários, colocou a cidade de Camaquã dentro do contexto histórico da revolução de 1923. Para Lopes, ao irromper a revolução, Netto aliou-se ao movimento, sendo o primeiro chefe a levantar-se em armas no Sul do Estado. Visto que, já de longa data, Netto vinha descontente com as manobras políticas de seu partido, o PRR, sendo a fraude eleitoral motivo que justificou seu rompimento com o PRR.

Durante a Revolução Federalista (1893-95), Netto fez parte das hostes militares do PRR. Sem o mesmo brilho militar da Revolução de 1923, teve um papel secundário nessa revolução. Durante sua convocação para lutar ao lado dos “pica paus”, Netto começou a colocar seu nome na história do Rio Grande do Sul. Sendo assim:

A 2 de fevereiro de 1893, deu-se a primeira invasão quando os revoltosos, vindos do Uruguai, pretenderam tomar a cidade de Bagé. Começava a Revolução Federalista. As tropas federalistas eram constituídas, basicamente, por estancieiros da Campanha com seus homens, na maioria civis, ex-liberais e ocupantes de postos e ou cargos políticos municipais no período imperial. Sendo comandantes da antiga Guarda Nacional, recebiam o título de coronéis, sem terem, contudo, outra formação militar do que aquela adquirida nas guerras de fronteira com os platinos. Desde o ponto de vista militar, as tropas rebeldes lutavam com precariedade de recursos, se comparadas com os republicanos. Afeitos às lides do campo, e ao uso da montaria, seus piquetes eram dotados de grande mobilidade e atacavam de surpresa, a cavalo, portando lanças (PESAVENTO, 1983, p.86).

Esse tipo de guerra deu a Netto o apelido de “Zeca veado”, pela sua destreza tática na locomoção em áreas de mato cercado, e ambientes rústicos onde seus soldados podiam atacar de surpresa seus adversários, ocasionando uma guerra de guerrilha. Certamente, Netto utilizou-se desse conhecimento para a invasão de Pelotas, 30 anos depois. Foi durante a

Revolução Federalista que Netto decidiu residir em Pelotas, mais precisamente em fevereiro de 1894. A escolha pela cidade deu-se para tratar de sua saúde abalada pela guerra. Netto também trouxe sua família, adquirindo residência e matriculando seus filhos em escola local. No fim do ano de 1894, Netto retorna às batalhas no oeste gaúcho até o término da Revolução em 1895. Após retorna a Pelotas para reencontrar sua família. No período pós-guerra Netto começou a criar gado no Uruguai, retornando periodicamente a Pelotas, até se instalar, permanentemente, na sua querida Camaquã (CALDAS, 1995, p.20).



Figura 12. Zeca Netto. Fonte: IHGPEL.

Foi durante esse período de estada em Pelotas que Netto começou sua amizade com o Coronel Pedro Osório, já líder do PRR local, que, assim como ele, tinha negócios agropecuários. Essa amizade se manteria até a Conquista de Pelotas em 1923, ocasionando

reuniões políticas entre ambos. No intervalo entre as duas Revoluções federalistas no Rio Grande do Sul, Netto iria se manter nas fileiras do PRR, mesclando sua produção pecuária no Uruguai com o cargo de chefe de polícia em Camaquã. Nesse momento, Netto recebe uma proposta política de Borges de Medeiros:

Em 1902, o Dr. Borges de Medeiros me convida a chegar até a Capital do Estado. Acedi a seu convite e compareci em Palácio, onde nos avistamos. Incumbe-me o Dr. Borges de Medeiros a tomar a chefia política do Partido Republicano de Camaquã, e dar substituto ao Cel. Cristóvão G. de Andrade que já exercia esse cargo e o de intendente, reeleito três vezes. Disse-me o Dr. Borges: “Netto, assume a chefia política e te faz eleger Intendente”. Respondi-lhe: “Dr. Borges, me será muito difícil exercer com eficiência esses dois cargos, pois que, se for bom Intendente, serei mau chefe policial” (FRANCO, 2003, p.61).

Nesse ponto fica clara a aversão de Netto por cargos políticos, desde os tempos de seu vínculo com o PRR. Posteriormente, Netto sempre ocupou cargos militares de destaque nas frentes libertadoras que futuramente iria adentrar. Em 1923, estoura a Revolução no Estado. Alguns importantes líderes políticos do PRR deixam o partido, em desacordo com Medeiros que optava por se candidatar pela quinta vez ao cargo eleitoral de Presidente do Estado. Dentre alguns nomes, estavam os de Assis Brasil, Fernando Abbott³⁶ e o próprio Zeca Netto. É nesse momento que Netto deixa Camaquã e retorna para o Pampa, onde passa a pertencer ao PL e a ocupar o mais importante cargo militar de sua vida, o de general do 4º Exército Libertador. O rompimento com as fileiras do PRR é assim narrado por Netto em suas memórias:

Pelo mês de fevereiro de 1923, recebo em Camaquã, onde resido, um recado do Dr. Moraes Fernandes, que, por intermédio do Cel. Lafayette Cruz, havia sido informado que o Gal. Setembrino esperava somente um movimento revolucionário no Sul do Estado para que pudesse o Dr. Bernardes interferir nos assuntos políticos do nosso Estado. Resolvemos, os dissidentes e federalistas camaquenses, lançarmos na luta contra o governo usurpado pelo Dr. Borges. Reunidas algumas poucas armas e relativa munição, começamos a luta, cujo primeiro foi uma escaramuçada, no lugar denominado Lagoa das Guampas, com a força do governo sob mando do Intendente de Camaquã, Dr. Donário Lopes, tendo saída vitoriosa a nossa força. [...] Marchamos de Camaquã para Canguçu, onde foi ponto de concentração dos elementos desse município, Pelotas, Piratini, Cacimbinhas e Rio Grande (FRANCO, 2003, p.66).

³⁶Fernando Fernandes Abbott (São Gabriel, de agosto de 1857 — São Gabriel, 13 de agosto de 1924) foi um médico e político brasileiro, governador do Estado do Rio Grande do Sul em duas breves ocasiões. (Fonte: A Federação).

Conclusão

A invasão e conquista de Pelotas, em 29 de outubro de 1923 pelas tropas libertadores comandadas por Zeca Netto, foi um fenômeno da revolução de 1923 no Rio Grande do Sul. Esse evento local foi sempre marginal na historiografia, não só da Revolução de 1923, como também da história de Pelotas. Nas poucas obras nas quais a invasão e conquista da cidade foram citadas, sempre se deu pouca atenção à temática. Mesmo o consagrado historiador pelotense, Mário Osório Magalhães, nunca mostrou interesse no estudo desse episódio. Em seus numerosos livros acerca da história de Pelotas, a questão da entrada das forças libertadoras no município foi pouco trabalhada, ficando apenas como um fato menor.

Como a invasão e conquista do município teve 12h de duração, e os combates deram-se num espaço circunscrito, a análise detalhada trouxe novos elementos de interpretação, assim como a variação de escala, onde o olhar do historiador sobre seu objeto pode revelar novas alternativas de pesquisa. Sendo a invasão e conquista de Pelotas um fenômeno da Revolução de 1923 e esta estar presente dentro do universo da República Velha, o método do uso de variação de escala foi preponderante para a construção desse trabalho e posteriormente em sua narrativa.

Através do pesquisador Pedro Henrique Caldas, em 1993 veio ao mercado editorial uma obra que trabalhou com uma interessante pesquisa sobre a invasão do município pelas tropas Libertadoras. Pela ótica de Caldas, a invasão da cidade deu-se por motivações externas, ou seja, Netto desejava chamar a atenção do Ministro da Guerra marechal Setembrino de Carvalho, que estava em Porto Alegre, para as causas revolucionárias de Assis Brasil. Esse argumento foi usado pelo próprio Zeca Netto em suas memórias. Em todas as obras acerca da Revolução de 1923 e da história de Pelotas, os autores também utilizaram este argumento que está nas memórias de Netto.

A última publicação acerca da história de Pelotas, o Almanaque Pelotense, também deixou a desejar em muitos pontos acerca da história do município. Dentre esses pontos, a invasão e conquista de Pelotas foi negligenciada, como se a mesma não tivesse ocorrido. Por grave contradição, o Almanaque mostra fotografias das batalhas em Pelotas e do próprio Zeca Netto.

Já na memória do povo pelotense, a invasão da cidade continua forte nas lembranças, principalmente dos cidadãos mais velhos. A lembrança dos feitos de Zeca Netto no município ainda é contada de maneira oral, e passando por gerações. Pelas fontes analisadas, a figura de Netto ainda é vista como a de um herói obscuro, que desafiou as tropas pelotenses por uma finalidade honrosa e que libertaria a população do julgo do PPR.

Tanto a lembrança dos ocorridos do dia 29 de outubro de 1923, como o pouco interesse dos historiadores, foi fator definitivo para minha motivação em pesquisar o ocorrido na madrugada de 29 de outubro. Dessa forma, utilizei o mesmo percurso de outros historiadores, analisei criteriosamente os periódicos locais e também as memórias de Zeca Netto. Não foi surpresa ter a mesma constatação que o pesquisador Caldas chegou com sua obra. Porém, não me dei por satisfeito em realizar um trabalho que também chegasse ao mesmo caminho de outros precedentes, ou seja, que a invasão da cidade foi um fator externo a nossa história.

Pela minha insatisfação, recorri a inúmeras obras acerca da Revolução de 1923. Infelizmente, os poucos trechos dedicados à invasão e conquista de Pelotas também eram tratados como motivação externa de Netto. A partir desse ponto, busquei novas fontes primárias no museu Zeca Netto, em Camaquã. Essa estada no município camaquense também não me trouxe um novo caminho a seguir, pois nos documentos pesquisados lá, a invasão e conquista de Pelotas também eram retratados com uma intenção de chamar a atenção do Ministro Da guerra para as atividades dos Libertadores no Estado.

Foi ao final do primeiro ano de pesquisas que encontrei um documento que mostrava fortes indícios de ser a invasão e conquista do município motivadas não apenas por um fator externo. Esse documento está nos arquivos do IHGPEL em Pelotas, e chama-se “carta dirigida a Zeca Netto”. Essa carta foi produzida pelos principais membros da liderança do Comitê pró Assis Brasil em Pelotas, e com as assinaturas de ambos. Essa correspondência dirigida a Netto foi escrita dois dias antes da invasão da cidade pelas tropas libertadoras.

O mais interessante nesse documento é a solicitação para que Zeca Netto invada Pelotas. Para essa invasão lhe foi oferecida uma farta quantidade de apetrechos militares de todos os tipos, assim como quantias em dinheiro se assim fosse necessário. Outra curiosidade do documento foi acerca das informações privilegiadas do contingente militar na cidade. Foi

detalhado que as principais forças locais estariam fora da cidade na madrugada do dia 29 de outubro de 1923.

Portanto, essa carta trata a invasão da cidade como de interesse de Netto, com uma linguagem dúbia, mostrando que o velho general seria recompensado se a cidade ficasse em suas mãos, o que seria também custeado pelos assistidas locais. Além da carta, outro fator foi determinante para minhas pesquisas contestarem o argumento histórico da invasão e conquista de Pelotas. No dia da invasão, as tropas do exército na cidade não foram às ruas para impedir a entrada dos bandoleiros, o que gerou mistérios que os pesquisadores ainda não conseguiram interpretar. De acordo com as fontes pesquisadas, o major Arthur Cantalice, comandante do 9º. BC, atual 9º. BI, tinha estreitas ligações com Netto. Cantalice, inclusive, foi jantar com Netto após a conquista de Pelotas e posteriormente comanda a saída do quartel de suas tropas, apenas para visualizar o ocorrido na cidade.

Por fim, uma terceira questão também foi primordial para eu contestar o argumento externo que legitimava a invasão e conquista de Pelotas. Essa questão foi a relação misteriosa entre Netto e o chefe local do PRR, coronel Pedro Osório. Durante a ocupação de Pelotas, Osório ficou em sua residência e não foi subjugado pelos libertadores. Além disso, uma carta de Osório, precedente a entrada dos libertadores na cidade, e direcionada a Netto, mostra a estreita relação entre ambos.

Se Zeca Netto realmente desejava de alguma forma chamar a atenção do Ministro da Guerra para os ideais dos libertadores e com isso derrubar do governo do Estado, a conquista de cidade não surtiu o efeito desejado. Mesmo durante a conquista da cidade, a Paz de Pedras Altas, que pôs fim à Revolução de 1923, já estava sendo planejada e discutida nos “bastidores” políticos do Rio Grande do Sul. Dessa forma, imaginar tal empreitada é um tanto ingênuo se comparada às fontes apresentadas até o momento.

Para finalizar este trabalho de dissertação de mestrado, eu me proponho a oferecer uma alternativa acerca da invasão e conquista de Pelotas pelas tropas libertadoras de Zeca Netto. De acordo com as minhas pesquisas, a invasão de Pelotas não foi apenas por uma questão externa, ou seja, chamar a atenção do Ministro da Guerra, Setembrino de Carvalho, para as demandas políticas e militares dos libertadores de Assis Brasil. Dessa forma, tento mostrar uma alternativa para a historiografia local de Pelotas, aonde considero como indícios determinantes: a carta dirigida a Zeca Netto; a sua relação com o major Arthur Cantalice e a sua relação estreita com o coronel Pedro Osório, para afirmar que a invasão e conquista da cidade foi, acima de tudo, também uma questão interna e com interesses políticos locais de Zeca Netto.

Por fim, com relação aos interesses específicos de Zeca Netto, esse trabalho finalizasse oferecendo uma hipótese para justificar o que Neto lucraria com a invasão e conquista de Pelotas. Em virtude de Zeca Netto ter ocupado postos políticos e militares, em cidades onde o mesmo conseguiu vitórias militares, tanto na Revolução Federalista, Camaquã, como também como “homem de confiança” de Julio de Castilhos, acredito que no caso de Pelotas, Netto também poderia ser beneficiado com um cargo específico, caso se o PL saísse vitorioso do Pacto de Pedras Altas. Assim como em Camaquã, onde tornou-se delegado de polícia, e lhe foi oferecido o título de Intendente local, prontamente recusado pelo mesmo, no caso de Pelotas, Netto poderia receber a mesma oferta. Com relação ao município de Pelotas, Netto sempre em seu passado consideráveis relações com a cidade. Desde seus negócios com o coronel Pedro Osório, até várias estadas na cidade, onde manteve residência durante a Revolução Federalista.

Tratando-se de 1923, Neto tinha forte empatia com a população local, sendo recebido como um herói libertador, por grande parte da população local, o que lhe ofereceria legitimidade popular, caso o mesmo se mantivesse no município, ocupando algum cargo público. Um ultimo fator que lanço para justificar minha hipótese, é a relação de Neto com o Comitê pró Assis Brasil na cidade. Esse Comitê, composto por homens da elite política e econômica local, também tinha forte interesse para que o PL, em caso de vitória na Revolução de 1923, ocupar cargos políticos e dominar a cidade após décadas de regime do PRR. Para tudo isso, a “figura de Zeca Netto, era central para tais interesses.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, Vera Rheigantz. **O Tropeiro que se fez Rei**. Porto Alegre: Mosca, 2013.

ALVES, Francisco das Neves. **Revolução Federalista: História & Historiografia**. Rio Grande: FURG, 2002.

_____, **O Tribuna do Império: Gaspar Silveira Martins sob o Prisma da Imprensa**. Rio Grande: FURG, 2001.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **RS: As Oposições & A Revolução de 1923**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

_____, “A Revolução de 1923: As Oposições na República Velha”. In: **RS: Economia & Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

AXT, Gunter. **Gênese do Estado Moderno no Rio Grande do Sul (1889-1929)**. Porto Alegre: Paiol, 2011.

_____, “O Coronelismo Indomável: O Sistema de Relações de Poder”. In: **História Geral do Rio Grande do Sul: República Velha (1899-1930)**, v.3. Passo Fundo. Méritos, 2011.

BARROS, José D'Assunção Barros. **Teoria da História: Princípios Fundamentais. V.01**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

_____, **Teoria da História: os Primeiros Paradigmas: Positivismo e Historicismo. V.02**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

_____, **O Projeto de Pesquisa em História**. 7.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

_____, **Sobre a Feitura da Micro-História**. Opsiis, Goiás, v.7, n9, p.167-185, jul-dez, 2007.

BECKER, Jean Jacques. “A Opinião Pública”. In: **Por uma História Política**. 3.ed. Rio de Janeiro, 2010.

BENTO, Cláudio Moreira. “ Os 80 anos da Tomada de Pelotas pelo general Zeca Netto” In: **RS: Modernidade (1890-1930)**. Porto Alegre: Ediplat, 2003

BOEIRA, Nelson. “O Rio Grande do Sul de Augusto Comte”. In: **RS: Cultura & Ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p.35-88.

BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tao (coords). Império. Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 2. **Coleção História Geral do Rio Grande do Sul**.

_____, República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. V3. T1. Coleção **História Geral do Rio Grande do Sul**.

BORIS, Fausto. **História do Brasil**. 12.ed. São Paulo: Edusp, 1994.

BRITTO, Juliano Silveira. “A Revolução de 1923 e uma breve Incurso à Imprensa Pelotense: um Estudo de Caso”. In ALVES, Francisco das Neves (org). **Política e Imprensa no Rio Grande do Sul: Ensaios Históricos**. Rio Grande: FURG, 2007.

BURKE, Peter. **O QUE É História Cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____, A História vista de Baixo. In: BURKE, Peter (org) **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 2010.

CALDAS, Pedro Henrique. **Zeca Netto e a Conquista de Pelotas**. 2.ed. Porto Alegre: Ast, 1995.

CARNEIRO, Glauco. **Luzardo o Último Caudilho**.v1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

COLLOR, Lindolfo. **O Movimento Político, a Sedição Militar e a Atitude Política do Partido Republicano Riograndense**. Porto Alegre: Typologia da A Federação,1922.

CARONE, Edgard. **A República Velha II: Evolução Política (1889-1930)**. São Paulo: Difel,1983.

CARVALHO, José Murilo” As Forças Armadas na Primeira República: o Poder Desestabilizador”. In: FAUSTO, Boris(org) **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: 1977. p.183-256.

_____, **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras,2010.

_____, **A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil**. 20.ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras,2011.

CERTAUI, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. 6.ed. Petrópolis-RJ: Vozes,2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1986.

COMTE, Auguste. **Os Pensadores**. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural,1991.

CRESPO, Dário. **Correio do Povo**. Porto Alegre,1962.

CUNHA, Maria Teresa. “Diários Pessoais: Territórios Abertos para à História”In: **O Historiador e Suas Fontes**. 2.ed. São Pulo. Contexto,2011.

DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**. São Paulo: Paz e Terra,1987.

DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines**. São Paulo: Paz e Terra,1993.

DUTRA, Pedro C. Fonseca. **RS: Economia e Conflitos Políticos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto,1983

ECO, Umberto, **Como se Faz uma Tese**. 23.ed. São Paulo:Perspectiva,2010.

ESPIG, Márcia JANETE. Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908-1915). Pelotas: Editora e Gráfica Universitária - UFPel, 2011.

_____, O Uso de Fonte Jornalística no Trabalho Historiográfico. In: **Estudos Ibero-Americanos**.Porto Alegre,v.24,n.2,p.269-289, dezembro 1998.

_____, Uma poeira de acontecimentos minúsculos : algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história. **História Unisinos**. São Leopoldo.v. 10, p. 201-213, 2006.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro**. 5.ed. São Paulo: Globo, 2012

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política**. 2. Ed. Porto Alegre: Ed da Universidade, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. 7.ed. Curitiba-PR: Positivo,2012.

FERREIRA FILHO, Arthur. **Revolução de 1923**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Departamento de Imprensa do Estado-RS, 1973.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (orgs). **O Brasil Republicano. V.01**. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2011.

FILHO, Arthur Ferreira. **Revolução de 1923**. Porto Alegre: Imprensa Oficial,1979.

FLORES, Moacyr; FLORES, Hilda Agnes. **Revolução de 1893**. 3.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro,2005.

FONSECA, Pedro C. Dutra. **RS: Economia e Conflitos Políticos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto,1983.

FONTOURA, João Neves da.**Memórias. v1: Borges de Medeiros e seu Tempo**. Porto Alegre: Globo, 1954.

FRANCO, Sérgio da Costa (org). **Memórias do General Zeca Netto**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

_____. A Pacificação de 1923: **As Negociações de Bagé**. Porto Alegre: Est, 1996.
GERTZ, René E.” Arquivos de Regimes Repressivos: Fontes Sensíveis da História Recente”. In: PINSKY, Carla Bessanezi; LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e Suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário”. In: **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 143-180.

_____,**Olhos de Madeira**.3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

_____, **O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício**. São Paulo,2007.

_____, **O Queijo e os Vermes**. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRENDI, Edoardo. “Microanálise e História Social”. In: **Exercícios de Micro-História**. 2.ed. Rio de Janeiro:FGV,2009.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 8.ed. o Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOBSBAWM, Eric J; RANGER, Terence (orgs) **A Invenção das Tradições**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra,2012.

_____, **Bandidos**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra,2010.

JANOTTI, Maria de Lourdes. **O Coronelismo: uma Política de Compromissos**. São Paulo,1989.

LAMOUNIER, Bolivar.” Formação de um Pensamento Político Autoritário na Primeira República: Uma Interpretação”. In: FAUSTO, Boris (org). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: 1977. P. 345-374.

LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 7.ed. São Paulo; Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. “Documento\Monumento In: **História e Memória** 6.ed..Campinas-SP, Unicamp,2006.

_____, “Memória” In; **História e Memória**. 6.ed. Campinas- SP: Unicamp,2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: **A Escrita da História**. São Paulo: Unesp, 1992..

_____, **A Herança Imaterial: Trajetória de um Exorcista no Piemonte do Século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2000.

_____, “Sobre a Micro-História”. In: **A Escrita da História**. São Paulo: Unesp,1992.

LIMA, Henrique Espada. **A Micro-História Italiana: escalas, indícios e singularidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2006.

_____, “Pensando as Transformações e a Recepção da Micro-História no Debate Histórico Hoje”. In: **Exercícios de Micro-História**. Rio de Janeiro:FGV,2009.

LOVE, Joseph L. **O Regionalismo Gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____, “O Rio Grande do Sul como Fator de Instabilidade Política na Primeira República”. In: FAUSTO, Boris(org). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: 1977. P. 99-121.

LOPES, João Máximo. **Subsídios a História de Camaquã**. Camaquã: s\ed, 2003.

MAGALHÃES, Mário Osório (org). **Notícia da Proclamação da República em Pelotas**. Pelotas: Diário Popular,2011.

_____, **Pelotas Princesa**. Pelotas: Diário Popular,2012.

_____,**História e Tradições da Cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário,2005.

_____, **Os Passeios da Cidade Antiga**. Pelotas: Armazém Literário,2000.

MOREIRA, Ângelo Pires. **Plano de Ataque a Pelotas**. Pelotas: IHGPEL,s.d.

OSÓRIO, Fernando. “Os Maiorais da Terra”. In: **A Cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário,1997.

_____, “O Progresso da Terra”. In: **A Cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário, 1997.

_____, “Dados Mesológicos”. In: **A Cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário,1997.

PALHARES-BURKE; GARCIA, Maria Lúcia. “Carlo Ginzburg”. In: **As Muitas faces da História**. São Paulo: Unesp,2000.

_____, “Natalie Zemon Davis”. In: **As Muitas Faces da História**. São Paulo: Unesp,2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____ **Borges de Medeiros**. 2.ed. Porto Alegre. Instituto Estadual do Livro, 1996.

_____ **História & História Cultural**. Minas Gerais. Autentica, 2005

_____”República Velha Gaucha: Estado Autoritário e Economia”. In: **RS: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

_____, **República Velha Gaucha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

PEZAT, Paulo. **O Positivismo na Abordagem Recente da Historiografia Gaúcha**. Anos 90. Porto Alegre, v.13, n. 23\24, p. 255-258, jan\dez. 2006.

_____, “Leituras e Interpretações de Auguste Comte”. In: **História Geral do Rio Grande do Sul República. V3, Tomo II**. Passo Fundo: Méritos,2007.

_____, Título: Auguste Comte e os fetichistas: estudo sobre as relações entre a Igreja Positivista do Brasil, o Partido Republicano Rio-Grandense e a política indigenista na República Velha. 1997. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.

PICOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (orgs). **História Geral do Rio Grande do Sul: Império. V 02**. Passo Fundo: Méritos,2006.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. “A Política Rio-Grandense no Império”. In: **RS:Política& Economia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 93-117.

PINTO, Celi Regina J. **Positivismo: Um Projeto Alternativo (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: Lpm,1986.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs). **Fontes Históricas**.2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____, **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto,2011.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de. “O Coronelismo Numa Interpretação Sociológica”. In: FAUSTO, Boris(org). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1977. P. 155-188.

RAMINELLI, Ronald. “História Urbana”. In: **Domínios da História**. 3.ed. Rio de Janeiro: Campus,2009.

RÉMOND, René. **Por Uma História Política**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996.

RECKIZIEGEL, Anna LuizaSetti; AXT, Gunter.**História Geral do Rio Grande do Sul: República. V3**. Passo Fundo: Méritos,2007.

REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a Experiência da Micro Análise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,1998.

RUSSOMANO, Victor. **História Constitucional do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1976.

SHARPE, Jim. “A História Vista de Baixo” In: **A Escrita da História**. 4.ed. São Paulo:Unesp,2009.

SILVA, Jean Pierre Teixeira da. O uso de Diários pessoais como FontesHistóricas: um olhar subjetivo sobre a Revolução de 1923. In: **II Congresso Internacional de História Regional**.Passo Fundo. UPF,2013. p.1-15.

THOMPSON, E. P. “A História Vista de Baixo”. In: **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 3.ed.São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TRINDADE, Hélió. “Aspectos Políticos do Sistema Partidário Republicano Rio-Grandense (1882-1937)”. In: **RS: História & Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto,1980.

VAINFAS, Ronaldo. “A Micro-História nos Bastidores”. In: **Os Protagonistas Anônimos da História**. Rio de Janeiro: Campus,2002.

VILLA, Marco Antônio. **História das Constituições Brasileiras**. São Paulo: Leya,2011.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A Crise dos Anos 20. Porto Alegre**. 2.ed. Editora da Universidade,1998.